

ALAVOURA



Revista da Sociedade Nacional de Agricultura
e da Confederação Rural Brasileira

Mimo de Venus

(*Hibiscus, Rosa sinensis, L.*)

ANNO XXXVIII

JUNHO DE 1934

Sociedade Nacional de Agricultura

desejando que todos os lavradores, criadores e industriaes façam parte do seu quadro social e possam gozar das vantagens que offerece aos seus associados, resolveu, como concessão especial, manter a isenção de pagamento de joia aos novos socios.

Por deliberação da mesma Assembléa, serão considerados SOCIOS REMIDOS, aquelles que, sendo socios quites, propuzerem 10 outros, e que estes tenham pago, pelo menos, a primeira annuidade.

Inscreevi o vosso nome e o de vossos amigos entre os numerosos associados da SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA — Fundada em 16 de Janeiro de 1897.

E vos serão concedidas, dentre outras, as seguintes:

VANTAGENS

Recebimento de A LAVOURA, seu organ official, gratuitamente, bem como todas as demais publicações editadas ou distribuidas pela Sociedade.

Fornecimento, de plantas e sementes, vaccinas contra as molestias que atacam o gado, productos de veterinaria, material agrario, adubos, insecticidas, etc., pelo preço do custo.

Além disso,

como procuradora dos seus associados, **encarrega-se, gratuitamente**, do **Registro das Propriedades Agricolas** no Ministerio da Agricultura, acompanhando, ahi, como nas outras repartições federaes e municipaes todos os processos que lhes interessem.

Promove a analyse de terras, plantas, etc., sem onus algum para os seus socios.

Trata da obtenção de **transporte gratuito** para plntas, sementes, machinas agricolas, animaes de raça, etc., quando destinados a socios, cujas propriedades se encontrem registadas no Ministerios da Agricultura.

Responde ás consultas sobre assumptos agricolas, industriaes ou commerciaes.

Elabora projectos e orçamentos para construcções ruraes e de força hydraulica.

Incumbe-se da venda de cereaes e outros productos agricolas enviados pelos seus associados, **sem cobrar commissão**, aceitando-os, outrosim, em **pagamento das contribuições sociaes**.

Encarrega-se, ainda, tambem gratuitamente, do pamento de impostos nas repartições federaes ou municipaes, do **recebimento** de juros de apolices, alugueis de casas, etc., nesta Capital.

Fornece cotações e informes sobre mercados.

Serve de intermediaria, no tocante á compra e venda de propriedades ruraes.



NOSSA TERRA

O ENTARDECER NUM
DOS AFLUENTES DO
RIO MAR

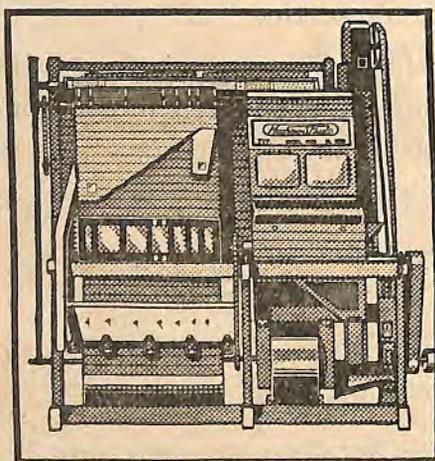


SUMMARIO

| | | |
|---|------|-----|
| Missão Economica Argentina Franklin de Almeida | pag. | 171 |
| ○ Brasil e o momento economico Internacional Arthur Torres Filho | pag. | 173 |
| ○ intercambio Polono-Brasileiro | " | 176 |
| Veterinaria versus Veterinaria Oswaldo de Carvalho e Silva | " | 178 |
| Os "Timbós" | " | 179 |
| Missão Comercial e Industrial Argentina .. | " | 185 |
| ○ leite como veículo eliminador dos pro- dutos ingeridos pelos animaes Lamartine Antonio da Cunha | " | 191 |
| A raça "Durock-Jersey" é portuguesa Conde de São Mamede | " | 194 |
| Apontamentos para a cultura da Seringueira no Amazonas Raymundo Pereira Montenegro | " | 195 |
| Associação dos Exportadores de Leite para o Distrito Federal | " | 199 |
| Revistas e publicações recebidas em Junho | " | 200 |



EXAMINE UM GRÃO DE CAFÉ



Está empelliculado,
com seu aspecto
natural?

Certamente foi
descascado sem
fricção alguma na

Machina S. Paulo

UNICOS FABRICANTES

B. PENTEADO S/A

Escritorio Central - Limeira - E. de S. Paulo - Filial em S. Paulo - R. Floren-
cio de Abreu, 131-A - Agencia no Rio de Janeiro - R. da Quitanda, 185

Standard

A L A V O U R A

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA
E DA CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura. . . . Dr. ARTHUR TORRES FILHO

Director: Dr. ANTONIO DE ARRUDA CAMARA — Gerente: ROBERTO DIAS FERREIRA

Redactor Secretario: L. MARQUES POLIANO

Assignatura annual 20\$000 — Numero avulso 2\$000 — Numero atrazado 3\$000

ANNO XXXVIII

RIO DE JANEIRO

JUNHO DE 1934

Missão Economica Argentina

FRANKLIN DE ALMEIDA

Esteve, ha poucos dias, em visita ao nosso paiz, selecta commissão de productores, industriaes e commerciantes argentinos.

Leve-se á conta da obra de approximação dos dois povos, desenvolvida pelo grande Embaixador Ramon Carcano, a vinda de tão illustres figuras do scenario economico do paiz amigo.

E aos governos do Brasil e da grande nação do Prata, não se regateiem agradecimentos, pelo apoio que prestaram á tarefa de intelligente politica constructora, iniciada pela missão referida, superiormente chefiada pelo grande industrial argentino, Senhor Luiz Colombo, nome dos mais prestigiosos, no mundo de negocios da nação platina.

A' Federação Industrial do Brasil, á Federação das Associações Commerciaes do Brasil e á Sociedade Nacional de Agricultura, a cada qual competiu, no seu sector, felizmente, tratar com tão insigne delegação as questões do intercambio respectivo.

Constituidas tres sub commissões, duplamente presididas por um Delegado patricio e por um da Missão Argentina, coube-nos presidir a 1.^a dellas — a de Agricultura e Pecuaria — na qualidade de representante da Sociedade Nacional de Agricultura.

Preferentemente, com a 1.^a sub-commissão argentina, presidida pelo Doutor Brustley, propecto economista, tivemos oportunidade de debater os problemas agricolas e pastoris das duas nações.

E assim passamos em revista, entre outros casos, os relativos á exportação e importação de café, cacão, arroz, batatas, fructas frescas e seccas, vinhos, mosto, fructos e seccas oleoginosos, forragens, animaes reproductores, etc.

A' luz de dados estatisticos, em presença de interessádos, que acorreram bondosamente, ao Palacio do Itamaraty, onde se realizaram as nossas conversações, cada qual, por seu turno, procurou incentivar o intercambio argentino-brasileiro.

Os resultados de nossos trabalhos estão consagrados em conclusões communs ás tres sub-commissões e em outras privativas da nossa sub-commissão.

Felicitando-nos por havermos recebido immerecida e inesperadamente a honra de representar a Sociedade Nacional de Agricultura, nem um instante esquecemo-nos de que, por intermedio dessa util e benemerita instituição nacional, estavamos personificando, nessas conferencias economicas, os grandes e sagrados interesses dos ruraes brasileiros.

Assim, nada mais havia a fazer que traduzir fielmente a compreensão, que temos, das nossas idades economicas, as quaes emprestam ao Brasil e á Argentina, physionomias peculiares dos paizes grandes productores de materias primas e de generos alimenticios.

Procedendo desse modo chegavamos insensivelmente, como aconteceu, a encarecer, perfeitamente justificado, a opportunidade de uma politica economica continental sul-americana.

Brasil e Argentina, ambos principalmente victimas da politica de expansão colonial das grandes potencias mundiaes e, tambem, pacientes do mesmo mal estar financeiro, monetario, economico, social e politico, caracteristico do momento universal que vivemos, hão de procurar, nas trocas entre vizinhos, alentos novos para proseguimento da marcha ascencional que emprehendem no concerto dos povos independentes.

Portanto, como directrizes principaes, no desempenho de nossas agradaveis incumbencias, apesar de arduas, pela bondade e constante sympathia da illustre Missão Economica Argentina, sustentamos os seguintes pontos de vista fundamentaes, havendo praticado exclusivamente dentro delles :

- a) necessidade em que estamos de execução progressiva de uma politica de organização da producção nacional;
- b) imprescindibilidade reconhecida de pratica de medidas que intensifiquem o nosso commercio internacional;
- c) respeito á fatalidade — de effectuarmos uma politica de exportação de determinados productos agricolas e pastoris do Brasil.

Está claro, que tendo os dois paizes grande parte dos seus territorios comprehendidos na chamada bacia do Prata e seus tributarios, nos productos que caracterizam as produções dos sólos argentino e brasileiro dessas respectivas zonas nacionaes, não foi com facilidade que, de um jacto, encontramos solução para os casos.

Embora, quer argentinos, quer brasileiros, soubessemos que a producção economica de determinado producto não é função exclusiva do sólo, mas é consequente principal do meio, e apesar de constataremos desigualdades mesologicas entre os dois paizes, fortemente caracterizadas, por exemplo, pela grande densidade de estrangeiros entre a população argentina, pela massa formidavel de capitaes, da mesma procedencia, applicados, naquelle paiz, na formação e exploração de grandes culturas industriaes, salientando-se as de grãos alimenticios, com que se abastecem em parte, e outróra em maior quantidade, os grandes nucleos de populações operarias europeas, não cogitamos, por um instante, sequer, na limitação de actividade dos nossos ruraes, pela designação de productos de origens animal e vegetal, cujas preparações devessem ser abandonadas ou limitadas.

Conservamos para os ruraes do Brasil as suas grandes conquistas, para elles deixamos adoptarem os caminhos que melhor os conduzirem ao destino de grandezas que serão as da Patria — e que de coração lhes desejamos.

Francisco
Giffoni & Cia.

CREANÇAS ANEMICAS LYMPHATICAS RACHITICAS
JUGLANDINO
SABOROSO XAROPE IODO-PHOSPHO-CALCICO

1º de Março, 17
Rio de Janeiro

O Brasil e o momento econômico Internacional

ARTHUR TORRES FILHO

No atual momento de depressão econômica, o Brasil, como todos os países, tem necessidade de tornar o mais eficiente possível a defesa dos mercados internos e assegurar os externos para as suas produções. Isso significa fazer-se indispensável a aplicação de medidas que valorizem a produção agro-pecuária, generalizando-se processos aperfeiçoados de colheita e beneficiamento, criando-se tipos comerciais aperfeiçoados para a exportação.

Da resistência que as fontes de produção possam oferecer, neste grave momento de economia mundial, dependerá seguramente o progresso econômico-financeiro do país. Medidas de estímulo e orientação da produção se impõem, de modo a serem encaminhadas as correntes do comércio interestadual e estrangeiro, tendo em vista prevenir-se a *superprodução*, regularizando o consumo; estabelecendo-se a disciplina econômica mediante estreita colaboração das corporações agrárias com o poder público, de modo a que cheguem aos centros consumidores *produtos uniformes e em bom estado de conservação*.

Cessada a Grande Guerra, tudo fazia crer voltassem a paz e o progresso a prevalecer, restabelecendo-se estava o mundo destinado a assistir outra luta talvez ainda mais grave — a *guerra econômica*. No entanto, a *paz política* só pôde subsistir e ser completa, se é seguida da *paz econômica*.

Os problemas econômicos podem ser de duas ordens: nacionais e internacionais. Se, em relação aos nacionais, os países podem, dentro de certos limites, defender seus interesses; na esfera internacional, a co-opeção se torna indispensável.

Acontece, por esse motivo, muitas questões agrícolas, por sua magnitude, só poderem ser resolvidos pelo coordenação dos recursos das diversas nações. Conferências internacionais se sucedem para dirimir dificuldades que perturbam a vida internacional. Sente-se que caminhamos para uma *nova era* nas relações econômicas mundiais, embora as barreiras aduaneiras aumentem sempre, dificultando as permutas.

A Liga das Nações, a curto de prazo de sua existência, instituída mais para resolver conflitos políticos, reconheceu a necessidade de se preocupar com os problemas de ordem econômica "que, mediata ou imediatamente, possam provocar um conflito que, de alguma forma, venha perturbar as relações pacíficas entre Es-

tados membros da Liga". A Conferência Econômica Mundial de 1927, de que participaram 144 Delegados, representando 50 países, membros ou não da Liga, inclusive os Estados Unidos e a Rússia, foi uma demonstração da necessidade da colaboração internacional na solução dos fenômenos econômicos da atualidade. Em 1930 assiste-se à realização da Conferência Diplomática que proclamou a necessidade da *tregua aduaneira* como meio de se obstar a elevação crescente das tarifas. Não sendo logrado êxito com essas iniciativas, presenciamos o desencadear do *nacionalismo econômico*, passando todos os países a adotar medidas rigorosas de defesa de seus mercados, estabelecendo cotas de importação, restrições de cambio, tratados de comércio baseados na plena reciprocidade, etc.

A Conferência Monetária e Econômica de Londres, realizada em Junho e Julho de 1933, com a presença de 63 países, preocupada em restabelecer o ritmo da vida comercial, apesar de seus esforços e dos importantes estudos e medidas combinadas, não logrou, no domínio prático, suavizar a chamada *crise mundial*.

Por toda a parte está patente a exigência de uma nova política comercial que afinal restitua ao mundo o ambicionado equilíbrio destruído pela Grande Guerra, cujas graves consequências estamos sentindo na perturbação da vida da humanidade. Atravessamos uma *volta da história* em que muitos países precisarão decidir se devem ou não prosseguir no caminho até agora trilhado. Isso significa a necessidade do *estudo das relações internas para pôr os ramos da produção em equilíbrio*, porquê, se assim não acontecer, irá gravando-se sempre a ordem política e social.

Na agricultura e na indústria residem as fontes primárias de atividade fornecedoras dos elementos de expansão econômica dos povos. Até ha pouco as permutas do *comércio mundial* se vinham mantendo em normalidade, delimitadas as linhas divisorias entre países agrícolas e industriais. A esse proposito muito sugestiva e a apreciação de Francis Delaisé, em seu livro "Les deux Europes", onde diz que "*l'une a été transformée par le cheval vapeur, tandis que l'autre en est restée au cheval de trait*". — Até a Grande Guerra como está evidente, que se mantinham mais ou menos em equilíbrio, que se mantinham mais ou menos em equilíbrio, logrando a *Europa Industrial* ainda vender fora do continente boa parte de sua produção, adquirindo em permuta materias primas e produtos alimentares. A Grande Guerra, pôde-se assim dizer, acarretou inteiri-

perturbação nas correntes comerciais que vinham prevalecendo no século XIX e começo do atual. Fechados muitos mercados de ultramar para a produção industrial europeia, sobreveiu a série de perturbações por que atravessa o mundo.

E' evidente que o Brasil, como país novo, com a vantagem de forte crescimento demográfico, embora necessitando do comércio internacional para enriquecer-se, deverá procurar, em primeiro lugar, *organizar-se internamente*.

Os efeitos de uma cooperação econômica nacional tem de resultar, no momento presente, da adoção de verdadeira *diplomacia economica*. Falando em diplomacia e em economia, não se pôde dizer que uma coisa deva andar separada da outra, como se entre elas houvesse incompatibilidade. Pelo contrário, nas proprias conferências técnicas, tem cabimento a diplomacia no encaminhar as discussões, em vencer as dificuldades, em saber procurar compensações necessárias, em obter que as convenções sejam estudadas para que logrem ratificação, etc.

Conseguir que triunfe o *espírito de cooperação internacional sobrepairando* ao dos interesses particulares — eis a grande dificuldade no momento. Precisamos, no entanto, traçar programas de ação concreta entre as nações, capaz de restabelecer plena solidariedade econômica. Para triunfar no mercado mundial todas as nações terão de ordenar o mecanismo da vida econômica.

Observa-se ir desaparecendo o privilegio de produção de que gosavam certos países para certos produtos, confiantes na riqueza do sólo, a cada passo se verificando o desequilíbrio das economias nacionais.

Como palavra de ordem surgiu a preocupação de *importar pouco e exportar o máximo*, regimen esse que creou para o comércio internacional situação a que poucas nações poderão resistir, principalmente aquelas de nivel elevado de vida, lutando com outros povos de mão-de-obra barata e com menores encargos sociais.

O Brasil não conseguiu atingir no intercambio comercial a posição que de direito lhe compete, apesar dos seus grandes recursos imanes e das qualidades de energia dos seus habitantes. Muitos produtos nossos têm sido repellidos dos mercados exteriores, outros, a despeito das decantadas condições propicias do meio, não logram transpôr nossa fronteiras. *Recursos naturais não podem mais constituir privilégio, diante dos recursos da ciencia.*

A evolução econômica brasileira tem-se realizado com constantes sobresaltos, acarretando esse fato insegurança para a fortuna publica e particular.

Nos dias que correm, cada nação não procura comprar o que necessita, mas, sim, vender o que produz. Na técnica da produção, como na das transações co-

merciais, vão os povos procurar meios de vencer na liça da competição.

Si, já os atenienses consideravam a cidade apenas como centro politico e religioso e o campo como o fator essencial da formação da riqueza; si, o Imperio Romano teve sua civilização baseada na solução dos problemas agrícolas; si, com o Feudalismo, o homem foi forçado a se fixar ao solo para garantir sua subsistencia; si, nos tempos modernos, depois da Renascença, a vida econômica se transforma com o regimen da terra; si, com a Revolução Franceza, o direito da propriedade da terra se tornou livre, pois no dizer de Maine, essa revolução foi antes uma revolução econômica; nos seculos XIX e XX, com o aparecimento da máquina e as conquistas da ciencia, o homem passa a dominar a natureza, fazendo com que os problemas da produção, na atualidade, para serem resolvidos, exijam conhecimento científicos, técnicos e econômicos.

Hoje, a *politica agraria* entrou no primeiro plano dos interesses coletivos, exigindo tambem que se leve em consideração a situação internacional. Não é possível a qualquer país, cogitar de *expansão econômica* sem levar em linha de consideração as exigencias da produção e do consumo no mercado internacional. A cooperação internacional em materia agrícola passou a constituir um imperativo do presente e do futuro na vida dos povos, a solução para eles sendo procurada nas *ententes*. "O pão quotidiano, a alimentação de cada país, tornou-se função, não só dos países vizinhos, como até mesmo de outros continentes".

Os congressos internacionais de agricultura datam de 1848; e só se tornaram regulares a partir de 1889. Benemerita foi a iniciativa de Vitor Emanuel III, conseguindo, com seu prestigio e fazendo doações particulares, crear o Instituto Internacional de Agricultura de Roma que, como o Ministro do Exterior da Italia Tittoni, na Conferencia de Agricultura de 1905, para a criação do Instituto, ele teria por fim "reunir em um unico centro, os elementos agrários do mundo; utilizar com proveito as fontes inesgotaveis da terra, de que entraves artificiais paralizam, muitas vezes, o desenvolvimento, atenuando entre os povos os choques dos interesses economicos opostos, e melhorando, por uma feliz *entende*, a sorte dos proprietários e dos trabalhadores agrícolas e, de certo modo, toda a organização social que aproveitará de sua prosperidade e de seu progresso". E deve-se fazer justiça á ação do Instituto de Agricultura de Roma porque ele tem sido uma especie de enciclopedia agricola reunindo, em proveito da comunidade internacional, toda a sorte de informações relativas ao desenvolvimento da agricultura em todos os climas e em todos os países. Suas deliberações são tomadas, no dizer de Luiz Dop, como se fosse verdadeiro parlamento internacional.

Segundo Bukle, a marcha da civilização é caracterizada pela influencia decrescente das leis físicas e a influencia crescente das leis mentais. Por isso mesmo, a vida econômica, na atualidade, não depende apenas dos fatores físicos, mas principalmente da inteligência do homem, isto é, de sua energia, de sua capacidade científica e técnica. *Tanto vale o homem, assim vale a terra* — eis o axioma.

O caráter e a mentalidade étnicas podem decidir, como decidem, dos destinos de um povo, pela capacidade econômica e operosidade em tirar partido dos bens naturais. Nenhum povo pôde viver isolado e a civilização atual é o resultado da reação de uns povos sobre outros por sua influencia política, econômica e financeira.

Fato digno de nota, na apreciação das diversas doutrinas econômicas reside no papel que o Estado está sendo chamado a representar como regulador na atividade econômica, sendo exigidas instituições políticas aperfeiçoadas.

O progresso econômico é caracterizado pela importancia crescente do trabalho e do capital.

O novo tipo economico representado pelo comércio exportador surgiu nos tempos modernos com as facilidades de comunicação e o trabalho do homem foi sendo substituído, graças a novas fontes de energia, até

assistir-se ao aparecimento de numerosas industrias, com ligação da usina ao laboratorio. Em consequencia da superprodução mercados mais dilatados foram sendo exigidos.

Qualquer que seja a politica comercial em seus artificios os povos *tanto precisam vender como comprar*, sendo obrigados a fazer os tratados de comércio. Apesar disso, continúa sem tréguas a *guerra de tarifas*, a qual está conduzindo á ruina a civilização de nossos dias.

Segundo André Joussain, no seu tratado de "Sociologie Economique", "un peuple que veut s'enrichir doit avant tout travailler d'avantage et organiser aussi rationnellement que possible sa production, en dirigeant intelligemment son effort et regler même sa consommation de manière à eviter le gaspillage".

A SECA NOS ESTADOS UNIDOS

O presidente Roosevelt sancionou o projeto que abre o credito de 500 milhões de dolares para socorros ás regiões assoladas pelas secas.

O projeto foi imediatamente submetido á aprovação do Congresso.



C. I. A. P. S.



Companhia Importadora de Animaes de Puro Sangue

RUA DA CANDELARIA, 80 - 2.º ANDAR

RIO DE JANEIRO **=====** TELEPHONE 3-5160

Fornecemos em condições vantajosas: Cavallos de corrida e para reprodução; gado bovino reproductor de todas as raças; gados lanigero e suino.



Para pedidos ou qualquer
informação consultar a nossa
Secção Technica



O INTERCAMBIO POLONO - BRASILEIRO

EM 1.000 ZLOTYS

Informa o Sr. J. C. Muniz, secretário comercial junto à Legação em Varsóvia, que, de acôrdo com os dados parciais, fornecidos pela Repartição Central de Estatística da República Polonêsa, o intercambio polono-brasileiro, de 1 de janeiro a 31 de outubro de 1933, pôde ser apreciado pelos quadros seguintes:

| 1933 | Importação | Exportação | Saldo |
|---------------------|------------|------------|---------|
| Janeiro | 874 | 277 | — 597 |
| Fevereiro | 951 | 163 | — 788 |
| Março | 1.072 | 131 | — 941 |
| Abril | 816 | 1.070 | + 254 |
| Maior | 865 | 1.001 | + 136 |
| Junho | 944 | 14 | — 930 |
| Julho | 1.003 | 852 | — 151 |
| Agosto | 1.067 | 80 | — 987 |
| Setembro | 1.024 | 884 | — 140 |
| Outubro | 1.140 | 390 | — 759 |
| Total | 9.765 | 4.862 | — 4.903 |

Importação polonêsa proveniente do Brasil de janeiro a novembro de 1933

| Productos | Quintais | 1.000 zl. |
|-------------------------|----------|-----------|
| Cacau | 3.333 | 305 |
| Cafê | 47.546 | 7.143 |
| Fumo | 1.099 | 275 |
| Couros crus | 20.863 | 2.559 |
| Cêra carnaúba | 12 | 3 |
| Borracha | 105 | 11 |

Exportação polonêsa para o Brasil de Janeiro a Novembro de 1933

| Productos | Quintais | 1.000 zl. |
|-----------------------------|----------|-----------|
| Trilho & aces | 146.907 | 3.447 |
| Tubos | 372 | 24 |
| Fio de lâ | 211 | 249 |
| Celulose | 4.757 | 121 |
| Papel | 413 | 243 |
| Alvaiade de zinco | 2.183 | 145 |

O saldo em favor do Brasil foi pois, no referido período, de 4.903.000 zlotys, comparativamente a 13.435.000 zlotys nos 12 meses de 1932, 18.443.000 em 1931, 18.812.000 em 1930, e 26.742.000 em 1929. Isso mostra a tendência para o equilíbrio evidenciada pelas trocas entre os dois países no decorrer de 1933, isto é, depois que a Polônia passou a applicar ao café e ao cacau o principio de compensação, só permitindo a entrada desses artigos mediante a tarifa preferencial contra a comprovação da exportação de trilhos e outros produtos siderurgicos polonêses do valor equivalente.

A análise mesmo sucinta, da economia dos dois países demonstra que lhes faltam, de modo geral, as condições necessárias para que possam desenvolver entre si um volume apreciavel de trocas. A estrutura econômica de um e de outro oferece grandes analogias. São ambos essencialmente agrícolas. A exportação de ambos consiste em produtos agrícolas, materias primas e artigos semi-manufaturados, enquanto que a importação compõe-se de manufaturas. Ambos oferecem ainda uma organização rudimentar de comércio exterior.

Ambos sofrem da deficiência do crédito comercial, e não estão por isso em condições de poder vender a crédito, mas pelo contrário, precisam do crédito para comprar os artigos que não produzem. Daqui o se processarem as trocas entre êles por intermédio de praças estrangeiras. Em ambos os países é baixo o poder aquisitivo. Ambos são países devedores, forçados portanto a manter amplos excedentes na balança de mercadorias afim de com êles saldarem os seus compromissos no estrangeiro, e desta forma estão adstritos a uma política comercial que consiste em reprimir a importação e estimular a exportação, e de que é exemplo, no momento atual, o comércio compensado praticado pela Polônia.

Pela sua situação geográfica com relação

ao Brasil, pela localização de sua indústria metalúrgica e de suas minas, longe dos portos, e aos quais se acham ligados por meios deficientes de transporte vê-se a Polônia a braços com grandes dificuldades afim de poder competir nos mercados brasileiros com os poderosos concorrentes, como o inglês, o alemão, o americano, naqueles artigos que ela melhor poderia fornecer, isto é, carvão, o cimento, o ferro, o aço e o zinco. A sua mão de obra barata não consegue neutralizar a inferioridade de outros fatores de concorrência.

A essas dificuldades juntam-se a falta de meios diretos e regulares de comunicação entre a Polônia e o Brasil, e, em geral, a carença de frete nos portos do mar Báltico para os da América do Sul. Em 1928, por iniciativa da companhia "Chargeur Réunis", foi creada uma linha de navegação entre Gdynia e Buenos Aires, com escalas pelo Brasil, e servida de dois vapores. As viagens eram irregulares, as estadias no Havre muito demoradas, de maneira que no mesmo tempo em que fun-

cionou essa linha, o comércio entre a Polônia e Brasil continuou a ser feito pelos navios que tocavam em Dantzig e nos portos alemães. Em 1931, com a crise, veio ela a desaparecer.

As possibilidades de relações comerciais entre a Polônia e o Brasil se limitam a dois grupos de produtos. Do lado do Brasil, o café, o cacau, os couros, a lã, a que se poderiam juntar, o minério de ferro e o manganês. Do lado da Polônia, produtos siderúrgicos, carvão, cimento, zinco. O estudo do intercambio polono-brasileiro, desde 1922, mostra que foi sempre o Brasil que vendeu à Polônia, pois, as exportações polonêsas com destino ao Brasil sempre foram casuais. Durante 1933, com o surto de sua siderurgia, a Polônia fez um grande esforço para vender ao Brasil, tendo conseguido colocar no mercado brasileiro uma certa quantidade de trilhos. O Estado veio em auxílio da indústria, e, por um sistema complicado de premios de exportação e "drawbacks", procurou compensar a inferioridade do exportador polonês. O futuro dirá si esse esforço está destinado a frutificar.

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Fundada em 16 de Janeiro de 1897

(Reconhecida de Utilidade Publica pela Lei n. 3.549, de 16 de Outubro de 1918)

PROMOVEU E REALIZOU OS SEGUINTESS CONGRESSOS E EXPOSIÇÕES :

- | | |
|--|---|
| 1. ^a Exposição de Uvas Nacionaes (1898) | 1. ^a Exposição Nacional Algodoeira (1916) |
| 1. ^o Congresso Nacional de Agricultura (1901) | 1. ^a Conferencia Nacional de Pecuaria (1917) |
| 2. ^o Congresso Nacional de Agricultura (1908) | 1. ^a Exposição Nacional de Gado (1917) |
| 3. ^o Congresso Nac. de Agricultura e Pecuaria (1922) | 2. ^a Exposição Nacional de Gado (1918) |
| 1. ^a Exposição Nac. de Productos Agricolas (1901) | 3. ^a Exposição Nacional de Gado (1920) |
| 1. ^a Conferencia Assucareira — Bahia (1903) | 1. ^o Congresso Nacional de Carvão e outros Combustiveis Nacionaes (1922) |
| 2. ^a Conferencia Assucareira — Recife (1908) | 1. ^o Congresso Nacional de Chimica (1922) |
| 3. ^a Conferencia Assucareira — Campos (1911) | 1. ^o Congresso Nacional de Febre Aptnosa (1922) |
| 1. ^a Exposição Intern. de Apparelhos a Alcool (1903) | 1. ^a Exposição Nacional de Leite e Derivados (1622) |
| Exposição de Apparelhos a Alcool — Pelotas (1905) | 2. ^a Exposição Nacional de Leite e Derivados 1(699 |
| Exposição de Fructas, Verduras e Passaros (1908) | 1. ^a Conferencia Nacional de Lacticinios (1926) |
| 1. ^o Congresso das Applicações Industriaes do Alcool (1903) | 1. ^a Exposição Nacional de Horticultura (1929) |
| Exposição Permanente de Fructas Brasileiras — Buenos Aires (1904) | Exposição Nacional de 1908 — Parte Agricola |
| 1. ^a Exposição Nacional de Flores (1908) | Exposição de Bruxellas — Secção de Agricultura do Brasil (1909) |
| 1. ^a Conferencia Nacional Algodoeira (1916) | Exposição de Turim-Roma — Secção de Agricultura do Brasil (1911) |
| 1. ^a Conferencia Internacional Algodoeira (1922) | |

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA attende a q alquer interessado seja ou não participante do seu quadro social.

Do quadro social da Sociedade Nacional de Agricultura fazem parte os Estados: Pará, Piauhy, Maranhão, Sergipe, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Parahyba, Paraná, Minas Geraes, Matto Grosso, Ceará, Bahia e Amazonas, além de 71 Municipalidades.

Veterinaria versus Veterinaria

OSVALDO DE CARVALHO E SILVA

Em trabalho anterior, procurando esboçar o vasto e complexo campo de ação confiado à veterinaria, em quaisquer de suas modalidades, zootecnica, sanitaria, higienica ou clinica, demonstrei, que um dos entraves à boa administração publica é a colisão entre as proprias autoridades veterinarias, que, deslimitadas, invadiam umas as esferas de trabalho das outras, gerando a balburdia e, conseqüentemente, o descredito publico, que põe em cheque o prestigio da propria veterinaria.

Por isso, no afã de remover essa dificuldade, é que me animei a traçar estas linhas, que não visam outro escôpo senão o de sugerir despretenciosamente, o que se segue :

a) GOVERNO FEDERAL

Ao governo federal competirá o maximo problema da veterinaria — a **zootecnia** — com o funcionamento racional de suas multiplas especialidades, tendentes, todas, ao revigoreamento da economia nacional, da qual dimana o bem estar publico.

A precípua tarefa da veterinaria hodierna é, diz-nos Egaña, — **pecuario** — e esta, para ser bem conduzida, cientificamente falando, demanda fundo preparo tecnico e largueza orçamentaria, que sómente o governo federal poderá acorrer, lobrigando o apogeu da industria animal patricia.

Ficará afeto, ainda, ao governo central, a fiscalização de produtos zoogenos exportaveis extra-muros, e a sua padronização científico-comercial, e bem assim, após prévio concerto com os estados e os municipios, o con-

trôlo geral e a codificação da veterinaria indigena.

A tecnologia animal será tambem, de sua alçada.

b) GOVERNO ESTADUAL

Sendo a doença um acidente na vida do animal, pois, sabido é que patologistas avançados já asseveram que a medicina do futuro será preventiva, as questões de higiene e de sanidade pecuarias serão entregues á eminencia da veterinaria estadual, que responderá, outrotanto, pela defesa sanitaria do rebanho animal do estado e pelas zoonoses transmissiveis ao homem.

c) GOVERNO MUNICIPAL

Ninguém, melhor que as municipalidades, poderão fazer a inspeção sanitaria de carnes, leites e de produtos derivados, dêz que, como é notorio, já intervêm nessas instituições para auferirem impostos, que constituem ponderaveis fontes de receitas para o erario municipal.

Os municipios, carentes de rendas para custearem esses serviços, deverão ser assistidos pelos Estados, mas tão somente no que tange ao fornecimento de numerarios.

Destarte, da ação conjunta da veterinaria federal, estadual e municipal, perfeitamente ordenadas, muito terá que lucrar o pais, e notadamente a sua incipiente industria animal, dada a entrosagem científica de seus diferentes institutos.

ATELIER DE GRAVURAS

SILVA

&

43, AVENIDA GOMES FREIRE, 43

BARRETO

TELEPHONE 2-6894

RIO DE JANEIRO

GRAVADORES

OS “TIMBÓS”

O SEU APROVEITAMENTO COMO INSECTICIDA AGRICOLA

Está sendo montada no Pará a primeira uzina destinada á exploração de “rotenona”, extraída do timbó-urucú.

A respeito do aproveitamento do veneno dos “timbós”, como inseticida agricola, o Dr. Paul Le Cointe, Diretor do Museu Commercial do Pará, publicou na “Folha do Norte”, de Belem, o interessante, substancioso e oportuno artigo que se segue:

“A despeito da rigorosa proibição legal, o envenenamento dos igarapés ainda é praticado, ás vêses, em toda a Amazonia, para conseguir, sem grande trabalho, rapida e farta pescaria.

Utilizam, com este fim, um certo numero de plantas que são todas designadas, no país, pelos nomes genericos de “timbó” ou “conambi”, e, nas Republicas vizinhas, pelo de “barbasco”; a mór parte são cipós ou arbustos sarmentosos, outras são pequenos arbustos, algumas são mesmo arvores grandes, cujas diversas partes, raizes, hastes, folhas ou frutos, são aproveitados, de acôrdo com as suas efficiencias.

O modo de empregar estas plantas e o seu efeitos sobre os peixes pouco variam: em geral, pisa-se grosseiramente o timbó entre duas pedras e joga-se a massa no igarapé que se represou do lado de baixo por uma tapagem improvizada com ramos entrançados; pouco depois, o peixe começa a subir á tona, como ebrio, e, afinal, sobrenada inerte, de barriga ao ar, sendo facil apanha-lo. Chama-se esta pescaria: “bater timbó” para “tinguijar” peixe.

A classificação scientifica dos “timbós” sul-americanos é ainda muito incerta, precisando de uma cuidadosa revisão, e, sómente com esta reserva, daremos em seguida a lista dos “timbós” mais conhecidos do norte brasileiro.

1º — **Timbó legitimo** ou **T. Macaquinho**

— (*Lonchocarpus nicou*-Aubl. — Benth., ou *Robinia nicou*-Aubl. — Legum. pap. dalberg.)

— Arbusto que se torna escandente sómente aos dois anos de idade, de caule cilindrico que pôde atingir grandes dimensões, raizes tenras, quando frescas, mas endurecendo rapidamente até consistencia lenhosa e compacta, quando seca. E' o mais ativo dos timbós: empregam-se as raizes e os sarmentos.

2º — **Timbó vermelho** ou **T. urucú**, ou **T. carajurú** — (*Lonchocarpus urucu* Killip. — Legum. pap. dalb.) — cipó de flores em espigas purpurinas, fruto em vagem comprida, não alada. A raiz é avermelhada no córte. E' muito ativo; empregado para pescarias e para destruir as formigas sauvas — **Geoffroy**, encontrou nelle um alcaloide, o **nikoulina**, (1895).

3º — **Timbó venenoso do Pará** — *Lonchocarpus floribundus* Benth. — Leg. pap. dalb.) — Arbusto sarmentoso, pequeno e rasteiro no descampado, mas cipó de grandes dimensões na mata. — No baixo Amazonas, esta planta é considerada como perigosa para o gado. — Frequentemente em toda a Amazonia. Passa por conter um glocoside, a **timboina**.

4º — **Timbó páu (de massa)** — *Lonchocarpus*... — Cipó, raiz compacta, dura.

5º — **Timbó grande** ou **T. comum**, ou **T.** — Arbusto de copa densa, arredondada, que se torna escandente sómente aos 4 anos: raiz dura, quando seca, e tomando, então, no córte uma côr amarelo claro.

6º — **Timbó da mata**, ou **T. cipó**, ou **T. assú**, ou **Timborana** — (*Derris guianensis* Benth. — Leg. pap. dalb.) — Cipó de folhas compostas, imparipenadas (5); flores abundantes em longas espigas axilares ou terminais, de côr branco esverdeado; frutos em vagens esfericas, de côr ferruginea, uniloculares. —

Contém um composto resinoide muito toxico, a **derrina**.

7° — **Timborana**, de Gurapá — (Derris negrensis Benth. — Legum. pap. dalb.) — Cipó de grandes dimensões, comum em todo o Pará, nas terras firmes. — Greshoff o considera como bastante ativo.

8° — **Tingui de Caiena**, ou **Anil bravo** — (Tephrosia toxicaria S. W. — Leg. pap. galeg.) — Arbusto pequeno ereto. Das raízes tuberosas, muito ativas, Greshoff isolou dois glucosides: a **timboina** e a **tephrosina**. As folhas têm as propriedades da digital.

9° — **Timbó do campo**, ou **T. boticario** — (Tephrosia brevipes Benth.) — Pequeno arbusto dos campos não inundáveis de Marajó — Flores amarelo escuro; foliolos sedosos na face dorsal e caules arruivados.

10° — **Timbó cáa**, ou **Ajaré** — (Tephrosia nitens Benth.) — Arbusto ereto da beira de lagos e das baixas do campo; folhas pinadas com foliolos glabros na face superior e cobertos de pelos prateados brilhantes na dorsal; flores vermelho carmezim, vistosas.

11° — **Timbóuva**, ou **Tamboril**, ou **Orelha de preto** — (Enterolobium timbóuva Mart. — Legum. mimos.) — Arvore grande cuja casta e flores mantém saponina.

12° — **Timbó de peixe**, ou **Timbó cipó**, ou **Curupú-apê**, ou **cuapé vermelho** — Paulinia pinnata L. — Sapindaceas). Planta sarmentosa de hastes quadrangulares, folhas impari-pinadas (5 foliolos, de 6 a 12 cm.) parecida com o guaraná, flores brancas em racimos, os frutos são capsulas periformes, trigonas, vermelhas; as sementes são brancas com arilo amarelo. A casca e as sementes são venenosas; contém **timboina** — (Martin — 1877), ou um alcaloi-

de, a **ichtyrina** (segundo Peckolt e Ferrari).

13° — **Timbó** ou **Iurari** — (Paulinia grandiflora St. Hil.) — Cipó grande.

14° — **Timbó** — (Paulinia imberbis Radlk. — Sapindaceas) — Cipó grande, parecido com guaraná; folhas grandes (5 foliolos de 12 a 15 cm.), frutos em capsulas periformes.

15° **Timbó** ou **Cipó timbó** — Serjania fusifolia Radlk — Sapindaceas) — Cipó — Contém **timboina** — Acre, narcotico, venenoso.

16° — **Saboneteiro** — (Sapindus saponaria — Sapindaceas) — Arvore média. A polpa dos frutos é muito rica em saponinas (66,25 % do peso, sêca).

17° — **Assacú** — (Hura crepitans L. — Euphorbiaceas) — Arvore grande cujo latex é venenoso.

18° — **Conabí** — **Pará** ou **Canambí** — (Phyllanthus conami — Aubl — Muell. Arg. — Euphorbiaceas) — Arbusto de folhas lisas, ovais, inteiras; flores axilares, de cheiro penetrante e desagradavel — A raiz é narcotica e, junto com os galhos e as folhas, emprega-se para matar o peixe.

Das pesquisas mais recentes feitas para verificar a presença de varios alcaloides, tambem assinalada em algumas plantas ichiotoxicas, resultou a descoberta de um novo principio ativo comum a diversas e cujas propriedades especiais chamaram logo a atenção.

Foi em 1923 que Ishikawa, no Japão, estudando a raiz de **toeba** (Derris elliptica Benth.), sorte de "timbó" empregado no Extremo Oriente, isolou pela primeira vês um corpo dotado de um poder inseticida notavel e que ficou denominado **tubatoxina**, sendo mais tarde substituido este nome pelo de **rotenona**.

FRANCISCO
GIFFONI & CIA.

DOENÇAS
DO ESTOMAGO, FIGADO E INTESTINOS
SAL DE CARLSBAD
EFFERVESCENTE DE GIFFONI
ANTI-ACIDO · CHOLAGOGO LAXATIVO

Rua 1.º de Março, 17
Rio de Janeiro

A **rotenona** é, para muitos insetos, um veneno de contacto; os individuos, tocados mesmo por muito pequena quantidade de **rotenona** em pó ou em solução, não se alimentam mais e morrem rapidamente. De um modo geral, pôde se dizer que, sendo um veneno de grande toxicidade para certos animais de sangue frio, pouca ação tem sobre os animais de san-

duos. E' o motivo porque os americanos têm, com mais afan que quaisquer outros, estudado a utilização da **rotenona** para a destruição dos insetos nocivos às culturas alimentarias. As experiencias efetuadas provam que, si, em certos casos, a ação da **rotenona** não é bastante eficaz, em outros tem se alcançado plenamente o resultado desejado.



Cipó de Timbó

que quente; não é perigosa para o homem.

Nos Estados Unidos principalmente, onde empregam em grande escala como inseticidas agrícolas diversos compostos arsenicais, são diários, entre a população rural, os acidentes mortais devidos aos envenenamentos causados pelo consumo de frutos ou de legumes tratados por pulverizações de qualquer um destes pro-

O problema está agora em obter a **rotenona** em quantidades suficientes a um preço acessível.

19º — **Conambí** — (*V. Clibadium surinamense* L. — Compostas) — Arbusto cuja seiva é venenosa; as flores brancacentas têm um cheiro penetrante e desagradável. Para a pescaria, utilizam os galhos e as folhas.

20° — **Conabí**, da Guiana Francêsa — (*Baillieria aspera* Aubl — Compostas) — Arbusto — Flores brancas em paniculas terminais; de gosto amargo e cheiro de aipo. São as folhas amassadas em bolas pequenas que se jogam ao peixe para envenena-lo.

21° — **Barbasco** — (*Clibadium biocarpum* Mart. — Compostas) — Contém um alcaloide, a **clibadina**.

22° — **Conabí do campo** — (*Ichthyothere cunabi* Mart. — Compostas) — Herva dos campos firmes do baixo Amazonas, de flores brancas e forte cheiro desagradavel.

23° — **Piquirana da varzea** — (*Caryocar microcarpum* Ducke — Caryocaraceas) — Arvore média cujas folhas contém saponinas.

24° — **Tingú de leite**, ou **Agahy** — (*Thevetia ahouai* — Apocynaceas) — Arbusto cujo latex, as folhas e as sementes são venenosas.

25° — **Cipó curucú** — (*Echites curucú* Aubl. Apocynaceas) Latex venenoso.

26° — **Piteira** — (*Fourcroya gigantea* Vent. — Agaveaceas) — As folhas contusas lançadas nas lagôas embebedam o peixe — Contém saponinas.

27° — **Butua catinguente** — (*Cocculus imene* Mart. — Menispermaceas) — Arbusto escandente — As raizes, a casca, a seiva e os frutos são venenosos; o principio ativo é um alcaloide: a **cocculina**.

Bastava a semelhança dos sintomas de envenenamento observados nos peixes, qualquer que seja o timbó empregado, para se julgar, **apriori**, que os principios ativos das diversas plantas usadas pelos caboclos nas suas pescarias deviam ter um certo parentesco quimico, e, com efeito, já se tem verificado que, muitas vêses, são compostos glucosidicos vizinhos das saponinas.

A cultura da **Derris elliptica** e de outras especies do mesmo genero botanico. (*Derris chinensis* — *D. malaccensis*), fornecedores da **tuba-root** (raiz de toeba), já tem tomado um certo desenvolvimento na Malasia, principalmente em Bornéu, e o rendimento em **rotenona** destas plantas é, relativamente, considera-

vel, atingindo até 6,5 % do peso da raiz seca.

Era natural supôr que, entre tantos "timbós" existentes nas florestas das zonas tropical e equatorial da America do Sul, fosse possivel descobrir novos produtores de **rotenona**, tanto mais que o genero **Derris** achava-se tambem representado aqui, e, com efeito, as pesquisas, iniciadas no ano passado na Amazonia, foram logo corôadas do mais completo sucesso.

Resumindo o resultado das explorações nas matas e dos estudos do laboratorio, podemos, desde já dizer que, entre os numerosos timbós que citamos como frequentes na Amazonia, é, geralmente, nos que pertencem á familia das Leguminosas que foi encontrada a **rotenona**, sendo que em proporção diminuta nos timbós dos generos **Darris** (gen. **Dequelia**, de Aublet) e **Tephrosia**, mas em proporção notavel, ás vêses, muito elevada, em algumas especies do genero **Lonchocarpus**.

A primeira descrição botanica de um timbó do gen. **Lonchocarpus** foi feita por F. Aublet, em 1775 (*Histoire des plantes de la Guyane Française*), que o denominou "**Robinia nicou**", nome substituído, mais tarde, pelo de **Lonchocarpus nicou** (Aubl.) Benth — O ano passado, o botanista E. P. Killip, de Washington, descreveu duas especies de timbó ativo: o **timbó branco**, ou **t. comum**, que lhe pareceu corresponder ao **Lonchocarpus nicou** (Aubl.) Benth., e o **timbó vermelho**, ou **timbó urucú**, que classificou **Lonchocarpus urucú**. Killip e Smith, indicaram tambem, do mesmo genero, o **Lonchocarpus fliribundus** Benth, frequente nos arredores de Belem, Santarem e Obidos.

Em realidade, pelo exame do material muito variado que temos recebido das diversas zonas do vale amazonico (Ara — E. de F. de Brag. — Ilhas de Breves — Vigia — Marzagão — R. Acará — B. rio Tocantins — Gurupá — R. Guajará — R. Tapajós — Obidos — Parintins — Manáus — Iquitos), está nos parecendo que o gen. **Lonchocarpus** compreende, na Amazonia, pelo menos seis especies, em cujas raizes existe a **rotenona** em proporções variaveis mas caracteristicas para cada uma. A identificação destes diversas tim-

bós torna-se, infelizmente, bastante difícil pelo fato de quasi nunca eles se apresentarem com flores e ter semelhança com algumas plantas do genero *Derris*, sendo ainda aumentada a confusão por uma sinonimia abundante e incerta.

Fato notavel: não se encontra a mór parte dos timbós do gen. *Lonchocarpus* no estado nativo, em floresta virgem, mas sómente perto das habitações ou em capoeiras antigas, provenientes de plantação.

Assim mesmo, os moradores do interior declaram, todos, que nunca viram as flores: uma vê o Dr. Ad. Duke, que durante tantos anos tem explorado a bacia do Amazonas em estudos da sua flora, colecionou flores e frutos de timbó urucú, em Gurupá.

Colocando-nos no ponto de vista puramente pratico, procuramos estabelecer caractéres distintivos de verificação facil e rapida pelo porte da planta ainda nova e pelo exame das hastes, folhas e raizes. As folhas maduras pouco diferem na fôrma geral: compostas imparipenadas (5-7 ou 9), foliolos opostos, inteiros, panniervados, peciolo dilatação (vagem), em fôrma de pé de cavalo; peciolos secundários curtos, dilatados e arrugados; limbo plano, subelíptico, coriáceo, apice longamente acuminado, base oval ou cuneiforme. Nas folhas novas a côr varia bastante. Nos peciolos, notam-se quasi sempre pelos curtos, ruivos, deitados; sómente num caso encontrei as folhas completamente glabras nas duas faces. As raizes fornecem indicações menos confusas; a côr exterior varia do amarelo claro ao pardo e pardo castanho; o córte transversal sobretudo apre-

senta, mesmo à simples vista, caractéres de facil observação e constantes para cada especie: a contestura mais ou menos compacta e a côr — o numero e o diametro dos vasos — a disposição, o numero e a fôrma dos raios. A analyse quimica (dosagem da *rotenona*) vem completar a organização de cada ficha.

De todas as observações feitas até agora resulta que o timbó mais rico em *rotenona* é o timbó denominado "Timbó legitimo" ou o timbó macaquinho" (no rio Tapajós). Pela comparação das folhas com o desenho de Aublet (obra citada), e pela grande torçidade das raizes, parece, que é este timbó que corresponde ao *Lonchocarpus nicou* (Aubl.) Benth., e não o "timbó grande", ou "timbó comum", que é relativamente fraco; a confusão teve origem na incerteza dos nomes vulgares dados a Killip. A raiz do timbó macaquinho contém de 6 a 11 de *rotenona*, sendo assim mais rica que a *Derris* elíptica do Extremo Oriente; ela é considerada pelos caboclos como veneno violento para os peixes e para as formigas saúvas; o T. macaquinho é conhecido sómente em culturas, aliás de pouca importancia e bastante raras.

Em seguida está o "T. vermelho" (Manaus — Furos de Breves), ou T. urucú" (Gurupá), ou "T. Carajurú (R. Tapajós), ou "T. grande" (R. Negro), ou "T. assú (Parintins), clasificado *Lonchocarpus urucú* Killip e Smith. Este timbó parece ter muitas variedades e as dosagens da rotenona que se pôde extrair das suas raizes oscilam entre 3 e 5,5 %. É a especie mais espalhada em toda a Amazonia, sempre como planta cultivada.

HORTULANIA

Rua da Assembléa, 79 - Telephone 2-0576

Sementes, ferramentas para jardinagem, arvores fructíferas, adubos chimicos, gaiolas. Ovos e aves de raça. Trabalhos em flores naturais.

Grande chacara de culturas a RUA SENADOR NABUCO, 38 - Villa Izabel

O "Timbó grande", do rio Tapajós, tam-
 bem chamado "T. assú", "T. branco", "T.
 comum", cujo córte de raiz dura e compacta
 passa rapidamente de branco ao amarelo claro,
 não contém mais de 3 % de rotenona.

Tem ainda o "Timbó pãu" ou "T. de
 massa", da Vigia, com 2 % de rotenona, o
 "Timbó de massa", do rio Tocantins, o "Tim-
 bó branco-pau", do rio Acará e das Ilhas, com
 15 % e um timbó de raiz compacta, lenhosa,
 de Aurá e do Tocantins, com 1 a 1.3 %.

Pelo que acabamos de dizer, torna-se evi-
 dente que para garantir uma produção regular
 de **rotenona**, não se pôde contar com a ex-
 ploração dos timbós atualmente esparsos na
 floresta; deve-se recorrer á cultura metódica
 em grande escala, e, para este fim, o "Timbó
 macaquinho" deverá ser preferido, não sómen-
 te pela sua riqueza em **rotenona**, mas ainda
 porque as raízes não contém resinas nem ma-
 terias colorantes como acontece, por exemplo,
 com o "timbó urucú", o que simplifica a ex-
 tração e evita desperdícios.

O "Timbó macaquinho" se reproduz per-
 feitamente de estaca se o seu crescimento é
 rápido; as suas raízes não são tão abundantes
 e desenvolvidas como as raízes do "T. urucú"
 e outros timbós, mas, como ocupam assim me-
 nos espaço para cada pé, pode-se aumentar o
 numero de pés por hectare, de modo a obter
 uma bôa média de produção; sendo provado
 que as raízes contém o máximo de **rotenona**
 na idade de 2 anos a 2 1/2 anos, o arrancã-
 mento será feito quando a planta não passa
 ainda de um arbusto ereto, sem necessidade
 de suporte.

Uma questão importante é a de determi-
 nar como deve ser preparado o produto comer-
 cial. Tem-se empregado diretamente a raiz re-
 duzida a pó muito fino, seco, que se projeta
 como se faz com o pó de pyrethro, ou que se
 mistura com agua ligeiramente sabonosa, for-
 mando assim uma emulsão que se pulveriza
 (com aparelhos de ar comprimido. Também
 têm-se usado soluções fracas de "rotenona" ou
 o extrato alcoolico do timbó diluido em agua.

Como a rotenona é um produto bastante
 instavel, alteravel em pouco tempo pela luz e

pelo calor, se conservando mal em dissolução
 aquosa, e que não se pôde evitar uma perda
 notavel ao correr das operações necessarias
 para retira-la das raízes do timbó e prepara-
 la pura, haveria vantagem, talvez, em exportar
 as raízes brutas, sómente submetidas a defu-
 mação preventiva para impedir que elas sejam
 atacadas pelos "boers", pequenos coletores,
 cujas larvas as devoram, destruindo as suas
 propriedades; também se poderia exportar as
 raízes defumadas, reduzidas a pó, ou preparar
 um extrato concentrado. A dificuldade será,
 nestes casos, determinar o valor do produto
 em função da sua riquêsa em rotenona, riquê-
 sa variavel com as plantas e as alterações
 possiveis depois da dosagem inicial.

Em diversos países, todos interessados no
 aproveitamento do principio ativo dos timbós
 como inseticida agricola, proseguem os estu-
 dos e pode-se esperar que breve será encon-
 trado metodo conveniente de preparo e de con-
 servação para o seu facil transporte e emprego
 eficiente não deve o Brasil ser o ultimo a in-
 teressar-se pela nova cultura, que está cha-
 mada a tomar um desenvolvimento considera-
 vel e, não sómente constituir um novo elemento
 de industria e comercio, mas também fornecer
 aos agricultores nacionais os meios de lutar
 contra as pragas que tanto perseguem as suas
 plantações".

.....

.....

Agricultor Japonez

Com longa pratica de horticultura
 (tomatas, pepinos, etc.) e avicultura,
 offerece-se para administrar proprie-
 dades agricolas, accetando propos-
 tas para outros cargos em fazendas
 no interior.

Carta a

R. Tanaka

Caixa Postal 1245 R I O

.....

Missão Comercial e Industrial Argentina

A atuação da Sociedade Nacional de Agricultura

Chegou, a 9 de Junho, a esta Capital, com caráter oficial, a Missão de industriais e comerciantes argentinos que, por iniciativa do ilustre Embaixador D. Ramon Carcano, veio estudar em comum com as nossas autoridades e classes produtoras o desenvolvimento do intercambio economico entre os dois paises.

Nomes ilustres e destacados no comercio, na industria e na lavoura portenha compunham essa delegação :

Presidente, Senhor Luiz A. Colombo, Presidente da Union Industrial Argentina, de Buenos Aires; Secretario, o Sr. Miguel Oliva, industrial e jornalista, diretor da "Revista Argentina Textil" e representante de la "Razon"; membros: Carlos Atthell, gerente geral e ex-presidente do Centro de Cabotage Argentino, presidente da Bolsa de Madeiras de Buenos Aires, membro da comissão executiva da Confederación del Comercio Argentino; Ernesto Herbin, vice-presidente da Unión Industrial Argentina e da Confederacion Argentina de Industrias Textiles, membro da Junta del Comercio Exterior e colaborador do Convenio Complementar do recente tratado comercial anglo-argentino; Atilio Colauti, tesoureiro da Unión Industrial Argentina, grande

fabricante de artigos de borracha e um dos maiores importadores de borracha bruta, em seu pais; Hermenegildo Pini, ex-presidente da Unión Industrial Argentina e presidente de grande empresa de publicidade; Dr. Vicente Stabile, medico e industrial, representando na Unión os interesses das industrias de produtos quimicos e medicinais, relator oficial do tema "Industria Nacional" da IV Conferencia Economica Nacional da Argentina; Adolfo Beazley e Fernando Waitz, representando grandes interesses argentinos, industriais, comerciantes e agricolas; Carlos A. Mendel, com fabrica de perfumes em Buenos Aires, Montevideo, e Rio de Janeiro, diretor da Camara de la Industrial e Comercio de Especialidades Farmaceuticas y Perfumeria, de Buenos Aires.

O nosso Governo, compreendendo o alcance da iniciativa, procurou dar-lhe todo o realce e cercar a missão argentina de todas as facilidades possiveis, e, por intermedio do Itamarati, organizou a seguinte comissão, que estudou conjuntamente com os nossos visitantes todos os aspétos que se apresentaram ao seu exame :

Presidente da Comissão, Consul Geral Se-



Grupo de membros da Missão Argentina e membros das delegações brasileiras, notando-se os Srs. Embaixador Ramon Carcano e Ministros da Fazenda, do Trabalho e do Exterior

bastião Sampaio, Chefe dos Serviços Comerciais do Itamarati; membros encarregados de organizar e presidir as sub-comissões de Indústria, Comércio e Agricultura, respectivamente, Dr. Francisco de Oliveira Passos, Presidente da Federação Industrial do Brasil; Dr. Raul de Araujo Maia, Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro e da Federação das Associações Comerciais do Brasil; e Dr. Arthur Torres Filho, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura; Dr. Armando Vidal, Presidente do Departamento Nacional do Café; membros encarregados de organizar e presidirem as sub-comissões de Turismo, Navegação, Economia, Finanças e Assuntos Gerais, respectivamente, os Srs. Drs. Cerqueira Lima, Vice-Presidente do Touring Club do Brasil, Heitor Savio, representante do Lloyd Brasileiro, e Paulo Frederico de Magalhães, representante do Banco do Brasil; membros representantes: do Ministro de Indústria, e Comércio, o Dr. João Maria de Lacerda, que é ali, o Diretor Geral do Departamento de Indústria e Comércio, do Ministério da Agricultura, o Dr. Adrião Caminha Filho, Diretor do Serviço de Fomento e Produção Vegetal, do Ministério da Fazenda, o Dr. Antonio Eduardo de Lenhoff Brito, tecnico principal na elaboração da nova Lei de Tarifas; membros representantes da Embaixada, Consulado Geral e Colonias Argentinas no Rio; Dr. Hector Ghiraldo, Conselheiro da Embaixada; Dr. Juan Varella, Consul Geral no Rio; Juan B. Abertotti, Presidente da Camara de Comercio Argentina no Brasil; Luis M. Llamas, Secretario da mesma Camara, Carlos

Torres Gigena, Chanceler do Consulado Geral; e Consul Mario Moreira da Silva, dos Serviços Comerciais do Itamarati, Secretario Geral da Comissão.

A Comissão compunha-se como se vê, de representantes das mais importantes associações de comerciantes, industriais e agricultores brasileiros, de negociantes argentinos de destaque no Brasil, membros da Embaixada e do Consulado Geral da Argentina no Rio, representantes dos nossos poderes publicos, estes respectivamente encarregados, nos Ministerios e outros departamentos federais, de todos os assuntos que se relacionem com o intercambio comercial argentino-brasileiro.

A Comissão elegeu, tambem os seguintes Presidentes honorarios: Embaixadores Ramón Carcano, representante da Argentina no Rio, e Cavalcanti de Lacerda, Ministro das Relações Exteriores; Dr. Oswaldo Aranha, Ministro da Fazenda; Dr. Salgado Filho, Mninstro do Trabalho, Industria e Comercio; Major Juares Tavora, Ministro da Agricultura; e Dr. José Americo, Ministro da Viação.

Não foi possivel ao Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, Dr. Arthur Torres Filho, por motivo de molestia, exercer as funções de Presidente da Sub-Comissão de Agricultura, para a qual fôra nomeado, tendo este designado o Dr. Franklin de Almeida, membro do Conselho Superior da Casa, e competente autoridade em economia agricola, para substitui-lo. Deu S. Ex., o maior realce ao desempenho da sua missão, pelo esforço, competencia, habilidade, e dedicação com

Formicida "Jupiter"

O CARRASCO DA

S A Ú V A !

"Elekeiroz" S. A.

AGENTE DO RIO

E. POLTO

R. São Pedro, 43

se houve, e como provam de sobejo as conclusões votadas em definitivo na sub-comissão de Agricultura.

Após estudo meticolosos de todas as conclusões debatidas isoladamente no seio de cada comissão especial, foram estas submetidas á sessão plenaria do dia 16, e á qual estiveram presentes o Snr. Embaixador Argentino e muitos representantes das nossas classes economicas e comerciais, além de altos funcionários do Itamarati e da Embaixada e Consulado Argentinos.

Publicaremos no presente numero, apenas as resoluções gerais e conclusões aprovadas por proposta da 1.^a sub-comissão, a cargo da Sociedade Nacional de Agricultura, reservando-nos para, no numero de Julho, abrir, em continuação, espaço para as demais, todas, aliás, do maior interesse para a nossa produção.

N.º 1 — PREFERENCIA : —

As Delegações Argentina e Brasileira, por proposta da 2.^a sub-comissão, constatando as cifras reduzidas que expressam o valor do actual intercâmbio entre os dois países e, con-

siderando que a amizade e o bom entendimento existente entre as duas nações e, bem assim, a sua vizinhança, constituem valiosos elementos para o desenvolvimento das suas relações comerciais, baseadas no ótima qualidade dos produtos que reciprocamente podem se oferecer, resolvem: como primeiro resultado das convções realizadas no Itamarati: recomendar aos seus compatriotas que em igualdade de condições, de qualidade e de preço, dêem preferência aos produtos argntinos e brasileiros.

N.º 2 — AMOSTRAS : —

As Delegações Argentina e Brasileira, por proposta da 2., sub-comissão — assinalam a conveniência de ser dada a imediata realização à finalidade altamente patriótica e economica contida no Convênio sôbre "Salão de Exposições de Amostra e Venda de Produtos Nacionais" firmado por ocasião da visita do Exmo. Sr. Presidente Agustin Justo ao Brasil e sugerem, como ação complementar, igualmente benéfica, a realização de feiras anuais de caráter internacional, nos moldes das instituidas pela Muncipalidade do Rio de Janeiro,



Aspetto do almoço oferecido á Missão Argentina pela Sociedade Nacional de Agricultura, Associação Comercial e Federação Industrial do Brasil

às quais os produtores e industriais argentinos e brasileiros devem concorrer assidua e regularmente.

N.º 3 — ARBITRAGEM :

As Delegações Argentina e Brasileira, por proposta da 2.ª sub-comissão, sugerem, como a medida de ordem geral, mais capaz de assegurar o intercâmbio económico entre os dois países, a criação de comissões de arbitramento sob os auspícios das principais associações de classe e câmaras de comércio das respectivas nações.

A Unión Industrial Argentina, por parte da Argentina, e a Federação Industrial e a Associação Comercial do Rio de Janeiro, por parte do Brasil, ficam incumbidas de promoverem, de comum acôrdo e com a colaboração das câmaras de comércio e demais associações económicas (agrícolas, industriais e comerciais) dos referidos países, a mais rápida execução desta resolução .

N.º 4 — CAMBIOS :

As Delegações Argentina e Brasileira, por proposta da 2.ª sub-comissão:

considerando que o desenvolvimento do intercâmbio argentino-brasileiro, de mercadorias e de turismo depende fundamentalmente de uma legislação de contas dentro do nível monetário de compensação recíproca;

declaram desejar que se estude, em relação ao comércio exterior de mercadorias com a Argentina, — um regime de câmbios pelo qual se obtenha que as firmas importadores sejam imediatamente providas de letras de cobertura até o limite monetário apresentado pelas exportações brasileiras para aquele país, tanto visíveis (mercadorias), como invisíveis (turismo argentino no Brasil).

N.º 5 — FRAUDES :

As Delegações Argentina e Brasileira, por proposta da 1.ª sub-comissão, encarecem como

medida de carácter geral a tomar-se sôbre todos os produtos em salvaguarda da saúde pública e do comércio honesto, a adoção de providências destinadas a assegurar rigorosamente a legitimidade dos produtos e a evitar as fraudes, inclusive as acobertadas pela semelhança de denominação e apresentação de sucedâneos.

N.º 6 — NOVA EXPORTAÇÃO :

As Delegações Argentina e Brasileira, por proposta da 2.ª sub-comissão :

considerando a possibilidade de se promover a exportação apreciável de produtos do Brasil para a Argentina;

considerando que essas exportações atualmente não existem ou se existem são em pequena escala, não havendo, por isso, entrado no computo governamental das disponibilidades-ouro produzidas pela balança comercial do Brasil;

reconhecem a vantagem da sugestão brasileira no que concerne à possibilidade de poderem ser vendidas no mercado livre de câmbio as letras de exportação de tais mercadorias da produção brasileira.

N.º 7 — IDENTIFICAÇÃO DE MERCADORIAS :

As Delegações Argentina e Brasileira, por proposta da 1.ª sub-comissão, tomando em apreço o ponto de vista da delegação brasileira e constatando as vantagens da lei argentina sôbre identificação de mercadorias exposta à venda, encarecem a conveniência de se adotarem no Brasil preceitos equivalentes.

N.º 8 — CONTRABANDO :

As Delegações Argentina e Brasileira, por proposta da 3.ª sub-comissão, — depois de considerar o contrabando de mercadorias que se realiza pelas fronteiras terrestres e fluviais da Argentina, Brasil e Uruguai, com grandes prejuízos para as rendas dos respectivos pai-

ses e grave dano para o comércio honesto, julgam imprescindível que os países acima tomem medidas imediatas que evitem o contrabando objetivo êste já almejado com a assinatura do convênio celebrado entre o Brasil e a Argentina por ocasião da visita do Exmo. Sr. Presidente Agustin P. Justo à nação brasileira e cuja vigência não deverá mais ser retardada;

Sugerem, para examinar o problema e propor as necessárias medidas de ordem imediata, a nomeação de comissões argentina e brasileira de três membros cada uma, tirados das atividades econômicas (agricultura — indústria e comércio) solicitando-se do Uruguai a nomeação de comissão idêntica para colaborar no assunto.

N.º 9 — GÊNEROS ALIMENTÍCIOS :

A 1.ª Sub-Comissão aconselha que se intensifique a perseguição aos adulteradores de produtos alimentícios e se vulgarize o conhecimento do público sôbre o valor nutritivo de cada produto alimentício pela realização de investigações adequadas se peça com êste intuito a colaboração efetiva das Províncias e Municípios, e se exija uma declaração nos envoltórios, das misturas que alterem a sua composição e das substâncias que lhes foram acrescentadas.

N.º 10 — MOSTO

A 1.ª Sub-Comissão, tendo constatado que o mercado brasileiro é suscetível de comprar mosto argentino sem prejuízo da sua produção vinícola, recomenda a minoração de impóstos aduaneiros para o mosto, considerando-o como matéria prima.

N.º 11 — FRUTAS FRESCAS.

A 1.ª Sub-Comissão recomenda: às emprêsas de navegação de ambos os países a montagem, em seus navios, de instalações adequadas, que permitam chegar as frutas em boas

condições de consumo aos mercados consumidores; que, quando uma partida, por sua má condição sanitária tenha sido recusada, possa o exportador ou importador formular recurso de apelação perante as comissões de arbitramento de que trata a Resolução n. 3 ou de técnicos oficiais, enquanto aquelas não forem organizadas; que, verificada pela comissão a infecção seja permitida a seleção dentro de cada partida.

N.º 12 — FRUTAS SÊCAS

A 1.ª Sub-Comissão recomenda que se peça para a fruta sêca o mesmo tratamento aduaneiro concedido à fruta fresca; que a fruta sêca e pasta de fruta, isentas que assucar sob qualquer forma, tenham o mesmo tratamento em ambos os países .

N.º 13 — ARROZ

A 1.ª Sub-Comissão, tendo verificado ser deficitária a produção argentina de arroz em relação ao seu consumo, aconselha aos importadores dêem preferência em suas compras ao arroz do Brasil e acata o pedido formulado pela delegação argentina no sentido de o Brasil conceder facilidade à importação de reprodutores animais.

N.º 14 — CAFE'

A 1.ª Sub-Comissão recomenda a necessidade da aplicação rigorosa da Lei Argentina 11.275, impedindo que se empreste precedência diversa ao café do Brasil e aconselha que quando houver adição de assucar e outras substâncias ao café, moído, as ditas misturas, sob nenhum fundamento, deverão exceder o limite da tolerância estabelecida.

N.º 15 — BATATAS

A 1.ª Sub-Comissão verificando que o mercado brasileiro é interessante para a colocação de batatas argentinas recomenda que os pro-

dutores da República Argentina entrem em contacto com os importadores brasileiros.

N.º 16 — CACAU

A 1.ª Sub-Comissão verificando que o Brasil está em condições de prover a qualquer indústria a qualidade e quantidade de cacau desejada, recomenda que, respeitadas as preferências do mercado, seja examinada a possibilidade de ser adquirida no Brasil o cacau necessário ao mercado argentino, porquanto o Brasil conta, entre as suas qualidades finais de cacau (criolo) o do Pará que supéra os cacaos finos de outras procedências. Recomenda assim aos produtores de cacau da região amazônica entrem em relações imediatas com os importadores argentinos para intensificar as suas transações comerciais.

N.º 17 — FORRAGENS — CERA DE CARNAÚBA — SEMENTES E FRUTOS OLEAGINOSOS — ÓLEOS VEGETAIS

A 1.ª Sub-Comissão verificou que o norte do Brasil, a partir de Pernambuco, pode ser mercado interessante para a colocação de forragens argentinas e que a República Argentina continua sendo bom mercado para a colo-

cação de Cera de Carnaúba, Frutos e Sementes Oleaginosos típicos, assim como para óleos Vegetais de procedência brasileira.

N.º 18 — QUEIJOS

A 1.ª Sub-Comissão, verificando que o Brasil é comprador de queijos europeus que têm similares argentinos, recomenda aos produtores argentinos entrarem em contacto com os importadores brasileiros dêsse produto.

N.º 19 — ALHOS, CEBOLAS E TOMATES

A 1.ª Sub-Comissão, em se tratando de mercadorias de produção temporária, aconselha a intensificação dos negócios diretos entre os produtores, para facilitar as trocas.

N.º 20 — ERVA-MATE

A 1.ª Sub-Comissão declara que as conversações entre os interessados argentinos e brasileiros, com relação ao problema de erva-mate, revelou um espírito de harmonia que faz prever, para muito breve, um entendimento feliz entre os dois países.

ALVES FRAGA & CIA

FABRICANTES DE VASILHAMES PARA CONDUÇÃO DE LEITE

Especialistas em artigos para Lavoura, Criação e Lactínicos. - Desnatadeiras, Salgadeiras, Batedeiras, Coalhos, Correias, Grampos, Oleos, Carrapaticidas. Vaccinas e soros para tratamento dos animaes.

RUA FREI CANECA, 72 e 87

Telephone 2-9458

RIO DE JANEIRO

C. Postal 832

O leite como veículo eliminador dos produtos ingeridos pelos animaes

LAMARTINE ANTONIO DA CUNHA

Prof. de Laticínios da E. S. de Agricultura

"Luiz de Queiroz".

A importancia do papel do leite na alimentação humana, faz com que, todas as alterações ou modalidades com que esse nos apresentem, despertem interesse e provoquem estudos e experiencias, não só da classe medica, como dos tecnicos e até industriais.

Desempenha a glandula mamaria papel de eliminadora das substancias ingeridas, embora sem a intensidade e importancia dos rins. Como, nesse papel, é o leite quem recebe os produtos de eliminação, torna-se ele campo de experiencia e motivo para estudos.

Nem todos os produtos são eliminados da maneira, e em igual proporção pelo leite. Tambem as experiencias demonstram ser essa eliminação diferente de uma para outra especie de femea.

Para se poder fazer uma ideia dos produtos e da proporção em que são eliminados pelas mamas, vejamos o resultado das experiencias comprobatorias feitas:

A **Atropina**, passa no leite, mas é apenas revelada pela sua ação fisiologica e não por analise quimica. A **antipirina**, a **nicotina**, a **morfina**, a **estraquinina** e o **quinino**, passam para o leite, em proporção tão pequena, que não é capaz de influenciar sobre o nutriente.

O **alcool** passa em pequena proporção. Isso foi demonstrado por **Nicloux**, numa serie de experiencias feitas em mulher, numa cobaia e numa cadela.

Fazendo uma mulher ingerir 50 c.c. de **rum**, porção essa que contem 27 c.c. de alcool absoluto, ele encontrou, por 100 c.c. de leite:

| | | |
|------------------------------|-----------|-----------|
| 30 minutos após ter ingerido | 0 c.c.082 | de alcool |
| 2 horas | 0 c.c.082 | " " |
| 4 1/2 hs. | 0 c.c.072 | " " |
| 7 hs. | 0 c.c.054 | " " |
| 10 hs. | 0 c.c.006 | " " |

Voltz e Parchtner administraram á 2 vacas, 9,c.c.8 e 1c.c.6 de alcool por kg. de peso vivo e constataram unicamente no leite uma quantidade de alcool na proporção de 0,5 á 0,4% da quantidade ingerida.

Isso vem demonstrar que, embora fraco, é o leite ainda veiculo eliminador do alcool.

O **Arsenico**. A eliminação dos sais arsenicaes pelo leite, é irrefutavel. **Labourdette** administrou diariamente a uma vaca 10 grs. de Licor de Fowler, e após alguns dias, analisando o leite, encontrou traços de arsenico.

Brouardel e Pouchet, afirmavam desde 1885, essa eliminação em grande proporção.

Narraram, em seus trabalhos, que "uma mulher que amamentava uma criança, intoxicou-se com arsenico. O pequeno faleceu após ter mamado; e 20 mezes depois, sendo axumado o cadaver, a autopsia encontrou ainda 5 miligramas de arsenico".

Tambem **Koller**, em suas experiencias verificou que, administrando 2,01 grs. de **atoxyl** por kg. de peso vivo, provocou a passagem do arsenico no leite, e a eliminação começou 30 minutos após a injeção. Quando a proporção foi maior que 2,01 grs., provocou diminuição do leite e perturbações no animal. Entretanto o leite desse animal, dado a um

cãozinho, não produziu alteração alguma.

Binaghi, observou que o **euforbone** das diversas euforbiaceas, passava no leite das ovelhas e produzia o envenamento dos lactantes.

O **iodo**, passa para o leite, quer seja ingerido sob a forma de metaloide, quer sob a dos diversos ioduretos.

Flamini, administrou a uma cabra iodo em solução oleosa e notou não só a presença do iodo no leite, como também observou ser a sua proporção crescente na proporção da maior quantidade ingerida pelo animal, chegando mesmo a obter um leite contendo, 0,12 grs. de iodo por litro.

Uma vaca de **actinomicose lingual**, que recebia diariamente 12 grs. de iodureto de potássio, depois de uma semana de tratamento, apresentou-se com fenomenos de franco iodismo.

O **mercurio**, também é eliminado pelo leite, mas as experiencias comprovaram só ser ele notado, depois de um determinado espaço de tempo. Numa experiencia com uma cabra que recebeu diariamente doses crescentes de **bicloreto de mercurio** (Ogrs04 — Ogrs.25), notou-se a presença do mercurio no leite, somente depois de 10 dias de tratamento.

A eliminação pelo leite, dos principios assimilaveis contidos nos alimentos, é muito conhecida e bastante estudada. Assim mesmo, constitui materia interessante, cujos estudos e observações, são importantissimas.

Ha muito que já cercamos as amas e mesmo as animaes destinados a fornecer o

leite, de certos cuidados especiais, com relação á alimentação, não só para se obter maior quantidade de leite, como para se assegurar da excelencia do produto. Evita-se desse modo, que o leite seja veiculo de eliminação de substancias prejudiciais ou mesmo toxicas para os lactantes.

Com relação aos animais leiteiros, vejamos o que de mais importante se tem observado.

As experiencias têm sido sempre feitas com o leite de porca, vaca, cabra, ovelha ou de jumenta, por serem esses leites, com exceção do primeiro, aproveitados pelo homem.

Vamos citar aqui, apenas alguns alimentos que trazem alterações sensiveis ou prejudiciais ao leite;

As **tortas e os farelos das sementes de algodão**, alteram o leite em sua coloração, sendo que esse se torna mais amarelado, sensivel essa manifestação 24 horas após a administração e só desaparecendo, após ter cessado a sua administração ao animal leiteiro.

As **borras de cervejas, de destilarias**, produzem perturbações mais ou menos graves nos lactantes alimentados com leite de animal que as tenha ingerido. Essas perturbações, comumente diarrhéa, segundo **Girard, Pleneu, Marfan**, etc., são devidas a presença de principios nocivos de natureza desconhecida e que produzem o mal, (principalmente entre as crianças menores de 6 mezes), persistindo mesmo quando é o leite esterilizado, o que demonstra não ser de natureza bacteriana, mas sim toxica. **Moussu**, fez um interessante estudo sobre isso, entre bovinos e ovinos novos.

SENHORES AGRICULTORES!!! FORMICIDA EM PÓ

USEM SÓ

“Morte às Formigas”

50 RÉIS é o custo maximo de cada litro de melhor formicida que existe! Uma lata de formicida concentrada em pó, marca “Morte às Formigas”, dá para 120 litros de solução super-extra-forte, infallivel na extincção de formigueiros.

“Marca Registrada”
FABRICANTES CHIMICOS

DR. OLESEN & Cia. — Rua S. Pedro, 115 — Rio de Janeiro

Depositarios em S. Paulo: **Comp. Ind. e Mercantil “CASA FRACALANZA” Rua Piratininga, 96**
Vende-se em toda parte - Exigir sempre a marca “MORTE ÀS FORMIGAS” - Uma lata pelo Correio..... 6\$

As tortas de crucíferas. Tem-se observado em vacas alimentadas com torta de linho contendo 22% mais ou menos, de grãos de crucíferas, o leite apresentar-se com uma coloração rosea, devido à presença do sulfocianureto de ferro. (O ácido sulfocianico é encontrado nas tortas alimentares, e o ferro é fornecido pelo recipiente no qual se recolhe o leite.)

Na Alemanha existem em grande numero, pequenas destilarias de batata, as quaes ainda empregam sistemas muito rudimentares. Nessas destilarias aproveitam-se as borras e os líquidos resultantes, na alimentação dos bois que auxiliam os serviços.

Ai constatou-se aparecer frequentemente entre os animais assim alimentados, úlceras e escoriações, (de origens toxicas), nas partes anteriores dos membros e nas posteriores.

Notou-se também que as vacas, quando amamentam ou quando delas se extrai o leite, são raramente sujeitas a taes accidentes, o que de mostra ser o toxico proveniente desses alimentos, eliminados pelo leite. Comprovaram ainda que, quando não se extrai esse leite, o mal logo se manifesta com inchação das tetas, entumescimento das palpebras, da região vulvar, com aparecimento de pequenas escoriações circulares e vermelhas pelo corpo; salivação, calafrio, queda e mesmo a morte em 20 a 30 minutos, quando não ha pronta intervenção veterinaria que consiste numa ordenha completa, meio eficaz de fazer desaparecer ou atenuar o mal.

Os produtos nocivos que agem, vem a ser de natureza microbiana, porque não se observa o acidente nas destilarias onde a fermentação é feita na presença de floruretos. Também se observou que, quando se substitui a polpa ensilada, pela polpa semeada de fermento latico, não aparece o acidente toxico nem nas mãis e nem nos lactantes.

Arloing, conseguiu isolar quatro especies microbianas encontradas nessas lesões; e também nas polpas ensiladas encontrou quatro especies de bacilos que secretam as toxinas cau-

sadoras do mal das polpas ou *Schlempemanke*, como é conhecido na Alemanha.

Isto exposto, vem comprovar não serem inuteis e nem desnecessarios os cuidados que aconselhamos, cercar os animais leiteiros, não só quanto à medicação, como com a alimentação, especialmente com o emprego dos residuos industriais, os quais poderão, não só prejudicar os animais, como mesmo os lactantes.

A Fruticultura em Pernambuco

Ha em Pernambuco dois hortos frutícolas, o de Dois Irmãos e o de Pacas.

Ambos têm desenvolvido ultimamente os seus serviços: no primeiro cultivam-se arvores de varias especies e no segundo, plantam-se frutas especialmente.

Nêste havia em meados de Março corrente, para distribuição, 40.000 enxertos de laranjeiras de diferentes variedades. Em Dezembro foram distribuidas pelo mesmo Horto 5 milhões de mudas de abacaxis.

Foi também criado recentemente, um serviço de assistência aos pomares e foi igualmente reduzido o imposto de exportação sobre frutas que é, atualmente, apenas de 1%.

O Govêrno do Estado concedeu as maiores facilidades e favores áqueles que quizerem ter a iniciativa de exportar abacaxi para o exterior, unica fruta praticamente existente, por assim dizer, para exportação. E essas facilidades produziram resultado, na presente safra. Vai também adquirir dentro de breves dias uma propriedade no municipio de Goyana, já escolhida, afim de cede-la ao Ministerio da Agricultura, para localizar uma estação experimental de abacaxis.

Annunciae em a

"A LAVOURA"

A raça "Durock-Jersey" é Portuguesa

CONDE DE SÃO MAMEDE

Coube a Portugal fornecer para os Estados Unidos da America a sua mais afamada raça de porcos, a tão popular e conhecida DUROCK-JERSEY".

Data de ha cerca de 60 anos que os americanos adquiriram dirétamente do grande criador de Evora, Alentejo, o Snr. José Barahona, um grupo de 6 porcas e 2 porcos, que uma vez levados para os Estados Unidos e depois de adaptados lhe deram o nome de "DUROCK-JERSEY".

A sua extraordinaria rusticidade, equilibrio de construção, e faculdade rapida de cêva, em pouco tempo a tornaram dominantemente popular em todos os Estados Unidos, sendo hoje em dia a raça que mais se cria tanto na America do Norte como na do Sul, principalmente Brasil e Argentina.

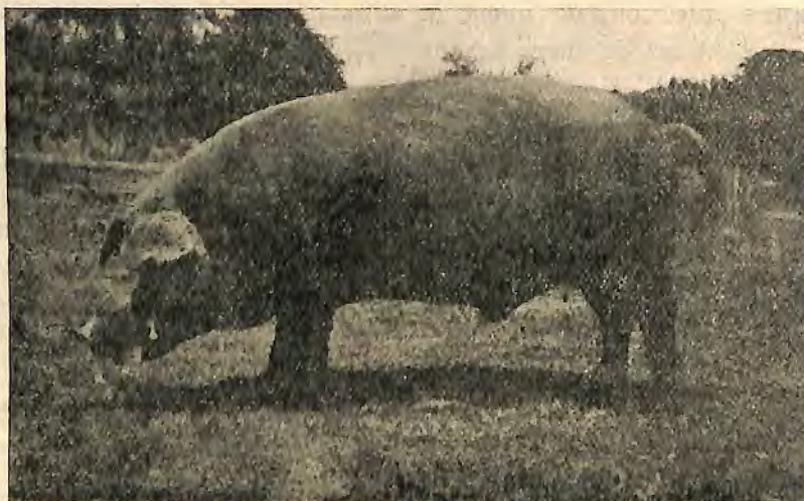
Em Portugal-Alentejo — a sua criação continua a fazer-se modelarmente em regimen estensivo e a campo.

Existem criadores, alguns dos quais acabo de visitar em que as suas criações obedecem ao que de mai moderno existe na tecnica de criação suina.

A exploração do gado suino em Portugal é feita a campo e em cultura estensiva, havendo criadores que criam e engordam (com pesos medios por cabeça de 160 a 180 kilos), 1500 a 2000 porcos por ano.

Entre o "Durock-Jersey" e o "Alentejano" de hoje, não existe diferença de pelagem ou fôrmas.

O que se nota, é ser o "Durock-Jersey" mais alto, de maior volume, o que me parece ser desvantajoso para o seu grande valor de rusticidade e equilibrio de construção. Quanto maior fôr a sua carcassa, maiores serão as suas necessidades de alimentação e menor será a sua resistencia fisica quando esta se desiquilibre.



Um bello exemplar "DUROCK-JERSEY, de criação nacional

Apontamentos para a cultura da Seringueira no Amazonas

Considerações botânico-geograficas

RAYMUNDO PEREIRA MONTENEGRO

A seringueira, ou seja a arvore cujo latex se converte, por coagulação espontanea ou provocada, em borracha fina (*fine of Pará*), é uma planta pertencente á familia das euforbiaceas, do genero *hevea*, da qual existem inumeras variedades disseminadas por toda a amazonia. A verdadeira seringueira é conhecida cientificamente por *hevea brasiliensis*, Mul. e Arh.

Os seringueiros conhecem-a pela denominação de *preta*, "seringueira preta", para distingui-la de suas congeneres de mais ou menos inferior qualidade.

O genero *hevea* oferece nuances extraordinarias, que vão desde variedades cujos caracteres familiares se acham tão disvirtuados que as tornam de difícil identificação rapida, até a verdadeira e genuina *hevea brasiliensis*, sem contar, já se vê, com os numeros hibridos formados naturalmente pela promiscuidade em que se encontram disseminadas pela floresta as suas multiplas variedades.

A verdadeira *hevea*, porém, como é de esperar, não é positivamente a mais abundante, e nem a mais encontrada, em qualquer classe de terrenos, no vale do Amazonas; ao contrario, ela parece preferir não sómente solos especiais, mas latitudes também, sendo exclusivamente encontrada, no Estado do Amazonas, em maior abundancia, nas vertentes dos rios Madeira, Purús, Juruá e Solimões, em menor escala, na do Negro.

Em nenhuma parte ela aparece formando bosques mais ou menos densos; mas, geralmente, é encontrada esparsa, aqui e ali. Ora seus exemplares são vistos mais proximos, ora mais distantes; não raro mediando entre elas cem a duzentos metros.

A variedade genuina, a verdadeira *hevea brasiliensis*, forma como que a base da aristocracia no imperio das *heveas*, á qual se seguem os seus elementos bastardos, os hibridos, vindo depois a burguesia (*hevea discolor* ou *seringueira abacate*, *H. Collina* ou *seringueira amarela*, abundante no rio Negro, a *H. Cuneiforme* — *seringueira chicote*, de borracha de pouco nervo, muito abundante no vale do rio Japurá, municipio de Tefé; a *H. Confusa*, a *H. Duckey*, a *H. Luctea*), e, finalmente, a *ralé*, em cujo extremo inferior se encontra a *hevea spruceana*, ou "seringueira barriguda". Como aquelas, as *Heveas rigidifolia*, a *Khunteana*, a *Pauciflora*, e ainda muitas outras, são elementos intermediarios, cujo latex, por inferior não prejudica entretanto, quando misturado em doses fracas, o nervo da borracha legitima.

A *H. Spruceana* tem a sua unica utilidade, no fornecimento de madeira branca, para o preparo de caixas utilizadas na embalagem da borracha beneficiada.

A identificação da *hevea brasiliensis*, por via de caracteres botanicos porventura descritos, só poderia ser determinada por um tecnico, O profano, consultando-os unicamente, embalde o faria, enquanto que o seringueiro a reconhece e identifica a cincoenta metros de distancia, na grande parada de arvores dos bosques amazonicos.

É uma arvore de alto fuste, dichotoma, tronco cilindrico, ereto e casca relativamente delgada, de cor violacea, ou violeta-cinza, e fraco lenho. Como todas as especies do mesmo genero, tem folhas compostas de tres foliolos, e flores pequenas, agrupadas em cimeiras, sendo umas masculinas e outras femininas. Os frutos são capsulas de tres compartimentos, contendo cada um uma semente alongada, manchada, muito semelhante á semente do ricino, e cuja deiscencia se opera sob a ação do sol.

CLIMA — A seringueira requer uma temperatura bastante elevada, uniforme e muito humida. A temperatura em que ela dá mostras de se encontra mais á vontade, é de 26 a 28 graus, não querendo isto dizer que fóra desse ambiente, ela não vegete razoavelmente, embora, fóra dele, a sua exploração não será tão lucrativa.

Precisamente esta questão de ambiente é a mais importante de todas; não importa tanto a natureza do solo, nem a questão da altitude. Si a seringueira puder dispor de um ambiente favorecido por muita humidade e calor, uniformemente constantes, ela se desenvolverá maravilhosamente, donde, a necessidade imprescindível de uma consorciação com algum vegetal muito umbroso, que impeça as deslocções do ar junto ao seu tronco.

SOLO. — Os conhecimentos especializados que possuímos sobre este particular, estribam-se em observações colhidas em todos os pontos do Estado, nos seringueis nativos, pelos quais podemos afirmar que os melhores solos para a cultura rendosa da seringueira são, nas latitudes inferiores mais proximas do equador, os terrenos quaternarios, argilo-silicosos e os solos de aluvião, quando fundos, frescos e férteis, e nas mais afastadas, os solos terciarios, pouco importando a sua origem agrológica, contando que não sejam afloramentos de silica pura.

Os terrenos terciários, junto ao equador, são, ao que parece, maus para o desenvolvimento da seringueira, mas, nuns e noutros, se lhe não dermos um ambiente propício, ela não se desenvolverá satisfatoriamente.

MULTIPLICAÇÃO. — A multiplicação da seringueira pode ser feita, seja por semente *sur place*, seja por mudas, ou ainda de alporque, mas não vemos nenhuma utilidade neste ultimo genero de processo. O da plantação direta, por semente, tambem não parece economico, devido ás despesas que se tornam necessarias para a conservação do terreno limpo, e que, no Amazonas, onde a vegetação espontanea é extraordinaria, não é consideração para se dispensar. Depois, cresce que a semente da seringueira é em geral um alimento de que são muito avidos todos os roedores da amazonia, que não são poucos, e assim o serviço de replantio é enorme.

O melhor processo é o da plantação por meio de mudas.

As sementes da seringueira colhem-se em fevereiro, e semeam-se imediatamente, em canteiros, porque rapidamente perdem a sua faculdade germinativa.

Dos canteiros, logo que as plantinhas alcançam dez ou vinte centímetros de altura, passam-se para os viveiros, onde, durante o tempo que permanecerem, devem ser objeto de cuidados extremos.

A plantação pelo sistema de mudas tem maiores vantagens; basta dizer, que não só se economizam despesas com a cultivacão do terreno, como permite a seleccão dos individuos mais capazes, na transplantação. Os melhores viveiros são os alfobrados, que se podem construir com palhas de palmeira comum, nas proximidades de algum correço.

TRANSPLANTAÇÃO DEFINITIVA. — Roçado, queimado e desembaraçado dos troncos que não carbonisaram, procede-se á locação do terreno, fixando-se *piquetes* de taquara nos pontos em que devem ser plantadas as seringueiras, convindo lembrar desde logo que a disposição em quinconcio não é conveniente. Isto feito, enche-se o terreno com cultura de mandioca ou de banana, afim de garantir o primeiro contingente de sombra necessario ás seringueiras e ao seu elemento associativo. Quando esta já se certifica, efetua-se a transplantação da cultura destinada á consorciação definitiva (cacau, nos terrenos de aluvião ou em qualquer outra classe, e café, unicamente nos terrenos ao abrigo das inundações), para, por fim, transplantar as heveas, o

que deverá ser feito em covas adrede abertas com muita antecedencia.

O melhor mês para a transplantação da seringueira é o de fevereiro, tambem de dezembro a março, ou mesmo em qualquer outro, desde que se possa suprir a humidade necessaria ao terreno, podem ser colhidos bons resultados. Para o serviço da transplantação escolhe-se um dia fresco, ensombrado ou chuvoso mesmo, sendo esta ultima condição uma garantia de exito.

O que se deve evitar a todo custo é a plantação a céu aberto, mas ocorre que nem sempre é possível evita-la. Nestas condições, torna-se preciso proceder a um ensaio de aclimação em o novo ambiente, isto é, é necessario preparar as plantinhas para a luta, afim de que elas estejam aptas a suporta-la.

Para isto descobre-se, ou melhor rarefaz-se a cobertura do viveiro, permitindo uma incidencia mais forte da luz e do calor do sol. Nota-se logo que a sua sensibilidade foi atingida, mas dentro de pouco tempo recobram o seu aspecto e vigor sadios, e então pode tentar-se a operação.

A transplantação definitiva pode ser feita já no fim do primeiro ano, depois que as mudas passaram para os viveiros, dependendo do seu maior ou menor desenvolvimento; não resta duvida, porém, de que o melhor é transplanta-las quando tenham alcançado de 80 a 150 centímetros de altura.

Uma boa cultura, suficientemente rendosa, é a do ricino, mas não a recomendamos, sendo preferivel proceder-se concomitantemente ao plantio da seringueira, a plantação de cacau ou de café. E' que a mamona é planta bisanual, e ao chegar ao termo de seu ciclo vegetativo desampara bruscamente o seringal de sua sombra, o que não deixará de prejudicar o crescimento das seringueiras, pois terão, antes de tudo, que atender ás exigencias de seus recursos de aclimação ou de defesa contra as novas condições de ambiente.

Relativamente á questão das distancias entre as arvores, não existe nada assentado em definitivo, mas é questão da natureza do solo, quer do seu ponto de vista fisico, quer quanto á fertilidade.

Quando o terreno é fraco e pouco fertil, é intuitivo que as raises se tornarão muito mais compridas, pois as plantas terão necessidade de recorrer a maior área para a coleta dos elementos nutritivos, dando-se o contrario si o terreno é fundavel e francamente fertil e fresco.

FRANCISCO

GIFFONI & C.

AS CRIANÇAS DE PEITO CUJAS MÃES OU AMAS
SE TONIFICAM COM O
VINHO BIOGENICO
FICAM BELLAS E ROBUSTAS

R. 1 de Março, 17

Rio de Janeiro

A distancia de cinco metros de seringueira a seringueira, o que dá para o hectare 400 arvores, e para o quilometro quadrado 40 mil individuos, é bem indicada nos solos de primeira classe, como por exemplo os de aluvião, e nos do quaternario com boa base de argila, ou pelo menos onde se não exista um predomínio exagerado de silica. Nos solos mais inferiores convem dar uma distancia maior ás arvores, não sendo necessario, porém, ir além de 6 a 7 metros. Mais do que isso seria desperdicio de terreno com aumento de despesas.

CULTURA. — A cultura do seringal não exige maiores cuidados; é necessario que se não o abandone á herva espontanea, mas se o conserve mais ou menos limpo.

Observando-se a recomendação do consorcamento com o cacau ou café, pôde dizer-se que não sae cara a construção de um seringal, pois no primeiro ano a mandioca cobrirá as despesas, e, no caso de ser plantado o bananal, este, durante o tempo em que puder ainda suportar a sombra do cacau, pagará igualmente as despesas da cultura, isto é, durante uns tres anos.

No fim do quarte ano o cacau começará a produzir, e daí em diante o que se tem a fazer é cuidar dele, cuidando-se, ipso-fato, do seringal.

Do oitavo ou nono ano, em diante, já se poderá efetuar a primeira sangria, iniciando-se, assim, a exploração do seringal.

INIMIGOS. — Em local bem tratado, vedado, e frequentemente visitado, poucos são os inimigos a temer, mas, ainda assim, existem: os veados, as saúvas, os animais domesticos, etc.

Um grande inimigo a temer é o vento, pelo que se tornam necessarias cortinas de mato que o evitem, devido a fragilidade do lenho dessas arvores quando muito novas.

Nos primeiros anos, a seringueira cresce muito em altura, não o fazendo paralelamente em diametro, tornando-se por isto facil de quebrar á menor flexão; e como o seu sistema foliaceo á assás desenvolvido, oferecendo muita superficie ao vento, este pode causar serios estragos.

PODA. — Não raras vezes temos ouvido o aconselhar-se a poda das seringueiras, a pretexto de que esta operação, aumentando o sistema foliaceo dessa planta, favorece-lhe o crescimento; não pensamos da mesma forma.

A poda seria util si se desejasse obter simplesmente as sementes; mas não é, ou pelo menos não tem sido este até o presente o objetivo dos plantadores de seringa. A poda, embora aumentando de fato a capacidade do laboratorio onde se processam as trocas organicas da planta, concorre para diminuir a extensão do tronco da mesma, e isto só poderá trazer prejuizo ao rendimento.

O trabalho da preparação da seiva, na seringuei-

ra, como em geral em todos os representantes da mesma familia, é muito ativo, mas não tanto quanto o exigem as perdas que a arvore sofre diariamente, por largos mezes, em quanto dura a época da colheita do latex, necessitando, por isto, de grande soma de reservas.

Ora, essa reserva carece, por sua vez, de espaço onde fique depositada, que no caso é o proprio caule, que tanto maior, mais capacidade oferecerá. Reduzido este pela poda, reduzida fica a capacidade do reservatorio, e consequentemente diminuidas as suas sobras, pois o processo de sua elaboração cessará assim que estejam preenchidos todos os canais latiferos, resultando que logo nas primeiras sangrias já não se escoariam unicamente os elementos de reserva, mas o proprio capital organico, indispensavel á saude da planta, com sacrificio imediato desta.

E' certo que não está bem definido qual o papel de latex na vida da seringueira, mas não é menos verdadeiro que com o latex sae de envolta, volumosa quantidade de seiva já elaborada, e se não é pela falta do latex que se lhes tira que elas morrem, se-lo-á de certo devido á perda abundante dessa seiva, porque o que é fato, é nos seringueas nativos marrerem as arvores quando se lhes extrai mais leite do que capacidade da arvore o permite.

Depois acresce que essa seiva não é muito necessaria unicamente á propria arvore, é tambem absolutamente indispensavel para veicular o latex, que sem ela sairia especifico, ou não sairia, pela sua densidade.

DESPESAS E RENDIMENTO. — As despesas com a formação de um seringal, em que se tenha atendido a certas normas economicas, pode regular, termo médio, em um conto e cem mil réis, por hectare, mas ha que se descontar o rendimento das culturas intercalares, de mandioca e de cacau, aquela logo no primeiro ano e esta do quarto ano em deante.

A cultura do milho ou outras intercaladas não são aconselháveis, porque retardariam, de certo modo, o crescimento da plantação.

O rendimento de um seringal pode elevar-se no primeiro ano a 240 quilos por hectare, que irá sempre crescendo á medida que as arvores aumentam de volume, e mesmo por efeito da "ordenha" diaria.

E' fato absolutamente provado, que as seringueiras quanto mais trabalhadas mais aumentam o teor do latex, o que seringueiro traduz e explica pelo "acostumamento" da arvore, contanto, porém, que não se lhe exija de pronto, uma contribuição demasiado pesada, que a desequilibraria. E' que não ha como as plantas para organizar rapidamente os seus meios de defesa propria.

Emquanto os animais podem, por deslocação ou movimento, fugir ás causas que os afetam desfavoravelmente, procurando melhores sitios para viver, as plantas, que não dispõem dessa facultade, têm que resolver o problema dentro dos seus proprios recursos or-

ganicos, reagindo, principalmente, pela atividade celular, ora creando novos sistemas de defesa, ora despin-do-se daqueles que possam favorecer o seu inimigo.

ADUBAÇÃO. — Conquanto não tenhamos aqui muitas experiencias em arquivo, pode-se afirmar que uma boa adubação, muito faz pelo rapido crescimento das arvores, principalmente a adubação com estrume de curral, bem curtido. Já grandes, as arvores, são muito gratas á applicação do salitre do Chile, pelo conjunto de substancias de que é o mesmo composto, das quais nenhuma é inutil ao desenvolvimento da planta; ao contrario, todos cooperam para uma revitalização completa de todas as suas partes, qualquer que seja o órgão encarado, ou a atividade exigida.

O unico obstaculo que se teria a opôr é a rapida assimilação que esse composto quimico oferece, e a consequente eliminção que ocorre do solo, obrigando a readubações constantes, e talvez concorrendo para desenvolver uma certa preguiça nas formações radicais de primeira ordem; desde, porém, que o seu uso possa compensar a despesa, produzindo mesmo diferenças favoraveis para a industria, do ponto de vista do volume da produção, não ha como desaconselha-lo.

Em conclusão, desde que haja proveito e economia, qualquer que seja o melhoramento a introduzir na cultura, será de bom aviso.

MOLESTIAS. — Este capitulo, que faz o desespero dos fitopatologos dos seringais malaios e ingleses, felizmente, no Amazonas, é o mais facil de escrever, porque não ha molestias aqui.

A não ser a fumagina, que aparece algumas vezes nas folhas de algumas arvores, ainda que raramente, e os lichens que se desenvolvem no tronco das mesmas, mercê da humidade do ambiente, sem nenhum prejuizo aparente para elas, estas atravessam a sua longa existencia perfeitamente robustas e sadias, mudando anualmente a sua indumentaria opulenta, sem maiores precalços.

Como todo o individuo, sujeito ás leis biologicas, a seringueira, muito maltratada, morre. Quem pode escapar á morte, nestas condições?

O grande matador de seringueiros é o machadinho do seringueiro, que lhe rouba, gota a gota, até o ultimo átomo de seiva, enfraquecendo-a de modo a destruir o seu tonus vital.

Vida é vitoria sobre o meio, constantemente carregado de inimigos mais ou menos disfarçados, que esperam o primeiro minuto de fraqueza da vitima para a atacar. Quando a seringueira se debilita, os seus inimigos a invadem, e em pouco a reduzem a pó.

Mas, uma seringueira virgem do golpe do machadinho, morta na mata, é um caso raro.

Isto só acontece nos casos a apoplexia por excesso de seiva. Pela rutura que se produz, esvaem-se, com a vida da planta, as suas reservas de seiva, latex e resinas.

Conclusão — A industria da borracha, ou, melhor, o metodo de sua extração, tantas vezes descrito, pôde ser objeto de inovações nos seringais de plantação. Presentemente, em condições muito favoraveis, o maior numero de arvores que um homem pôde sangrar por dia, é de 280. Em um seringal plantado, creio que ele poderá cortar 1.000, e mesmo mais.

Releva notar que o fabrico, propriamente dito, pôde ser feito em comum, de modo que o extrator ao regressar da "estrada" fique desembaraçado da faina, indo ocupar-se em outro mistér, ou mesmo, podendo, uns ocupar-se do córte, outros do transporte do latex e, finalmente, ainda outros, da operação de defumação que pôde ser feita em uma usina central, por defumação ou por processo quimico, como por exemplo o de Strauss, que não afeta as qualidades do produto.

Imigração japonêsa no Pará

Em 1933, a imigração de japonêses no Brasil foi de 22.310 colonos, sendo 415 destinados á Companhia Niponica de Plantação de Borracha em Turú-Assú, no Acará, Estado do Pará.

CASA FLORA Schlick & Nogueira



Rio de Janeiro
Ouvidor, 61
Gonç. Dias, 67

TRABALHOS
MODERNOS EM
FLORES PARA
TODOS OS FINS.

PLANTAS - fructiferas e
ornamentaes.

SEMENTES - importação directa.

FERRAMENTAS - INSECTICIDAS

A J A R D I N A M E N T O .

Revistas e mais publicações recebidas em Junho

- Agricultura Coloniale (L') — Italia;
- Agricultura y Zootecnia — Habana;
- Agricultor (O) — Lavras;
- Anales de la Sociedad Cientifica Argentina — Buenos Aires;
- Anali dell' Instituto Sperimentale di Caseificio di Lodi — Italia;
- Boletim da União Pan-Americana — Washington;
- Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinaria — B. Horisonte;
- Boletim do Departamento Federal;
- Boletim do Leite — Capital Federal;
- Boletin de la Asociación de Ingenieros Agronomos — Montevideo;
- Brasil-Ferro-Carril — Capital Federal;
- Brotéra — Lisboa;
- Bulletin de l'Academie d'Agriculture de France — Paris;
- Bulletin of iscellaneous Information—London;
- Campo (O) — Capital Federal;
- Correio Agricola — Baía;
- Dairyman (The) — London;
- Ernahrung der Pflanze (Die) — Berlin;
- Experiment Station Record — Washington;
- Gaceta de Granja — Buenos Aires;
- Gazeta das Aldeias — Porto;
- Hacienda (L) — New York;
- Lavoura e Criação — Capital Federal;
- Noroeste de México. (El) — Sinaloa;
- Ortofrutticultura Italiana (L') — Roma;
- Resumen Agricola — San Jacinto-México;
- Revista da Sociedade Brasileira de Quimica — Capital Federal;
- Revista de Agricultura Commercio y Trabajo — Habana;
- Revista de Agricultura y Comercio — Santo Domingo;
- Revista de la Asociación Rural de Rosario — Rosario;
- Revista della Asociacion Rural Del Uruguay — Montevideo;
- Revista Española de Biologia — Madrid;
- Revista Su-Americana — Buenos Aires;
- Revue de Zootecnie — Paris;
- Revue Internationale du Travail — Genève;
- Southern Planter (The) — Virginia;
- Tropenpflanzer (Der) — Berlin;
- Tropicale Life — London;
- Vida Agricola (La) — Lima — Peru';
- Vie Agricole et Rurale (La) — Paris;
- Viticulture Française (La) — Paris.

A Lavoura

A redacção da revista receberá, com prazer, a colaboração de todos os socios, lavradores e criadores, constante de observações próprias a respeito de assumptos agro-pecuarios, inclusive acompanhada de photographias, e cuja divulgação seja julgada de interesse para a classe rural brasileira.

Sociedade Nacional de Agricultura

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

Reconhecida de utilidade publica por lei

Presidente perpetuo

Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida

Presidente hnr

Dr. Geminiano Lyra Castro

DIRECTORIA GERAL

- Presidente — Ildefonso Simões Lopes
1.º Vice-Presidente -- Arthur Torres Filho
2.º Vice-Presidente — (Vago)
3.º Vice-Presidente — Cacildo Krebs Filho
1.º Secretario — Antonio de Arruda Camara
2.º Secretario — Ottoni Soares de Freitas
3.º Secretario — Luiz Simões Lopes
4.º Secretario — Alpheu Domingues
1.º Thesoureiro — (Vago)
2.º Thesoureiro — José Sampaio Fernandes

DIRECTORIA TECHNICA

- Alberto José de Sampaio
Alcides de Oliveira Franco
Altino Sodré
Augusto Ferreira Ramos
Carlos de Souza Duarte
Francisco de Assis Iglesias
Joaquim Luis Osorio
José Gomes de Faria
Moacyr Alves de Souza
Otto Pecego

CONSELHO SUPERIOR

- Affonso Vizeu
Aleixo de Vasconcellos
Alvaro Simões Lopes
Amancio Marsilac Motta
Americo Braga
Antonio Barreto
Antonio Cavalcanti de Albuquerque
Antonio F. Magarinos Torres
Arsene Pultemans
Arthur Cardoso Ayres de Hollanda
Benedicto Raymundo da Silva
Carlos Alberto Gonçalves
Edmundo Berchon des Essart
Eugenio dos Santos Rangel
Eusebio de Oliveira
Fidelis Reis
Francisco Leite Alves Costa
Gustavo da Silva D'Utra
Heitor Vinicio da Silva Grillo
Henrique Silva
J. C. Bello Lisboa
Jayme Bernandes Cotrim

- João Baptista de Castro
João Gonçalves Pereira Lima
Joaquim Bertino de M. Carvalho
Joaquim Francisco de Assis Brasil
José Maria Fernandes
José Monteiro Ribeiro Junqueira
Julio Cesar Lutterbach
Julio Eduardo da Silva Araujo
Luiz de Faria
Marcus Migliewich
Mario Saraiva
Mario Telles da Silva
Oswaldo Freire Braga de Sequeira
Paulo Berredo Carneiro
Paulo Campos Porto
Paulo Parreiras Horta
Raul Pires Xavier
Sylvio Ferreira Rangel
Sylvio Torres
Victor Leivas
Virginio Werneck Campello



HORTO FRUTICOLA DA PENHA

OLARIA — RIO — E. F. L.

Mudas e Enxertos de todas as frutas brasileiras

—♦♦—
Optimos Exemplares de plantas ornamentaes

—♦♦—
Laranjeiras — Typo exportação

—♦♦—
Mangueiras das melhores variedades

—♦♦—
Remessas a domicilio — Frete Gratuito

—♦♦—
Abatimento aos socios da S. N.^o de Agricultura

Solicite informações á:

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 15 - Sobrado — Rio de Janeiro

